Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



LORETTA YOUNG

é uma das artistas de cinema que mais se distinguem pela elegância. A Aliança Filmes vai apresentá-la brevemente na deliciosa comédia «Os Médicos também casam», mais um êxito seguro daquela firma distribuidora

SÉRIE—N.º 11—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 20 DE JANEIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

Os FILMES VICENTE ALCANTARA
apresentam
«TRAQUINA QUERIDA»
(The Under Pup)

Realização de *Richard Wallace*
Produção de *Joe Pasternak*
para a Nova Universal

Personagens:

Pep-Ema Binns	GLORIA JEAN
Dennis	ROBERT CUMMINGS
Priscilla	NAN GREY
Cecília	SHIRLEY MILLS





O acampamento estival dos «Pinguins» não podia deixar de ser uma instituição americana... Chegado o verão, nem por isso fecha a Bôlsa, e o «flirt» apenas muda de cenário: a praia e o campo solicitam-no com o mesmo entusiasmo.

No entanto os pais reconhecem que os filhos, depois dum ano de estudo, precisam de descansar. Se alguém se encarregasse disso? Que alívio! (pensam êles). Ora uma ideia, e principalmente uma ideia que rende dinheiro, não é coisa de se pôr de-parte, em Nova Iorca.

E foi assim que nasceu o acampamento dos «Pinguins», onde as meninas ricas da cidade copiam os hábitos de casa, criando uma pequena caricatura da sociedade. Num gesto filantrópico oferecem elas, como prémio dum concurso, um lugar ao sol a uma menina pobre.







Coube a sorte à simpática Pep-Ema Binns (Gloria Jean), filha duma família excêntrica que vive num bairro pobre. Também gosará as suas férias! E os «Pinguins» tomam, no seu espírito infantil, as proporções dum céu aberto... Com o seu melhor vestido, ela aí vai!

O acampamento não é tal um céu aberto. Pep-Ema nem sequer foi recebida com as atenções devidas a uma convidada, pelo grupo das pequenas, chefiado por Cecília (Shirley Mills) sob a vigilância de Miss Tharnton e da sua ajudante Priscilla (Nan Grey).

Enquanto as raparigas se treinam para um concurso de natação, a má vontade contra Pep-Ema continua, apenas suavizada pela estima que lhe dedica Priscilla e o noivo desta, Dennis (Robert Cummings) director do campo atlético. As más colegas chegam a decidir a sua expulsão.







Cecília, que dirige a conspirata, é a favorita da prova de natação, mas Pep-Ema encarrega-se de fazer com que ela perca. Cecília fica furiosa e queixa-se ao pai da maldade de Pep-Ema. E a pobre menina dispõe-se a abandonar o paraíso perdido.

O pai de Cecília, que acudira em defesa de sua filha, é pôsto ao corrente da perseguição que movem à pobre Pep-Ema.

F[illegible] não desertará. Tanto insistem, que alguma coisa julga poder salvar o seu sonho desfeito...

Os «Pinguins» fizeram acto de contrição, reconhecendo a indelicadeza do seu procedimento. E a adorável Pep-Ema recebe a nova de ter sido eleita sócia honorária do Grupo! Ao pé das meninas ricas, ela não se mostrou menos rica — em sentimentos.

2.ª série / N.º 11 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

20 de Janeiro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

Realiza-se hoje o 1.º Escrutínio do Concurso da TAÇA e das MEDALHAS

Qual será o melhor filme de 1940? O que vai ser a FESTA onde serão tornados públicos os RESULTADOS

Conforme o nosso flamante cabeçalho anuncia, realiza-se hoje o primeiro escrutínio da votação que determinará os primeiros titulares da Taça e das Medalhas do *Animatógrafo*. Convém observar que não será todo o Júri de Admissão — isto é, todos os sete redactores de *Animatógrafo* que formam o Júri de Admissão — que procederá ao escrutínio, mas apenas três escrutinadores: António Lopes Ribeiro e mais dois membros do Júri, escolhidos entre os restantes seis redactores da nossa revista. Êste sistema restritivo foi adoptado por duas razões: em primeiro lugar para que, na hipótese de ser necessário proceder a segundo ou mesmo terceiro escrutínio, os resultados do primeiro apuramento não influenciem o Júri; o conhecimento dêsse resultado inicial (que aliás pode muito bem ser, também, o resultado «final») de-certo pesaria na segunda votação de forma a, possìvelmente, falsear até as conclusões do inquérito — falsear, apenas no sentido de produzir efeitos diferentes do que se obteriam sem o conhecimento do apuramento inicial. É claro que todos os boletins de voto preenchidos durante as votações serão arquivados e ficarão à disposição de todos os membros do Júri de Classificação. Em segundo lugar, para melhor se garantir a reserva sôbre os resultados que *Animatógrafo* deseja manter até ao momento que julga mais oportuno para os revelar. É mais difícil de manter um segrêdo conhecido por sete pessoas, do que conhecido sòmente por três... Pelo menos é o que ensina a sabedoria das nações e a experiência adquirida por êste velho Mundo nos seus vários séculos de existência...

A Festa dos Prémios

O momento escolhido por *Animatógrafo* para proclamar os vencedores do concurso, foi uma festa, a realizar na primeira semana de Fevereiro, no cinema que tiver exibido o filme a quem fôr atribuída a Taça. O programa constará da cerimónia da proclamação dos vencedores e da classificação resultante da votação, e da entrega da Taça e das Medalhas aos representantes das firmas que tenham produzido os filmes distinguidos ou tenham sob contrato os artistas premiados. Seguir-se-á a exibição do filme vencedor da Taça e de algumas das melhores cenas das películas em que os artistas vencedores tiveram as interpretações premiadas. É evidente, assim, que a assistência à sessão apenas saberá quais os filmes que vai ver, depois de ouvir proclamar os triunfadores.

O número de *Animatógrafo* que se publicar na segunda-feira seguinte, inserirá os resultados completos do concurso, com a menção de todos os filmes e artistas votados, por ordem de classificação. Nesse mesmo número publicar-se-á uma grande reportagem da festa realizada.

Não se fazem prognósticos

Mesmo que nos fôsse possível, não faríamos prognósticos de qualquer espécie — não só porque recearíamos falhar em tôda a linha, mas também porque seria completamente fora de propósito. Mas a verdade é que não os podemos fazer. Entre os 34 filmes candidatos há pelo menos quinze ou vinte que podem perfeitamente aspirar à Taça — isto é não só com condições para ganhar mas também com predicados para justificar a sua vitória aos olhos de todo o Mundo. Da mesma forma, das 17 actrizes e dos 21 actores candidatos quási todos são possíveis vencedores, pois quási tôdas as interpretações candidatas contêm méritos mais do que suficientes para legitimar tôdas as preferências. Se atendermos ainda à variedade de gôstos e de critérios que se podem encontrar de pessoa para pessoa — adquirimos a certeza de que são possíveis os resultados mais surpreendentes e imprevistos. Mas, qualquer que seja o resultado, podemos garantir que não será injusto — porque isso é que não será possível, com semelhantes candidatos e dada a categoria do Júri de Classificação.

Podemos já anunciar que foi a firma Pratas de Arte, da Rua da Misericórdia, que foi encarregada de executar a Taça do *Animatógrafo*, desenhada, como oportunamente noticiámos, pelo pintor António Soares, um membros do júri.

O nosso Concurso e os outros

Temos a impressão de que algumas pessoas não atribuíram ainda ao nosso concurso a importância verdadeira que êle tem — importância até de carácter internacional, como a seu tempo se verá. Ao contrário do que se poderá supor, as iniciativas semelhantes não são vulgares. Para o avaliar basta dizer que nos Estados Unidos apenas a *Photoplay* atribui uma medalha anual ao filme considerado pelos seus leitores como o melhor do ano. Fora disso, o *Film Daily*, a *Modern Screen* (americanas), e a *Film Weekly* e a *Picturegoer* (inglesas) organizam referendos entre críticos (as duas primeiras) e leitores (as duas últimas), para determinar os dez melhores filmes do ano. O resultado, para 1940, do *Film Daily*, em que se pronunciam meio milhar de críticos americanos, foi noticiado esta semana. O vencedor foi «Rebecca».

Além destas distinções, devemos também lembrar as da American Academy of Motion Pictures Arts and Sciences — as mais importantes de tôdas. As relativas à temporada de 1939-40 devem ser reveladas dentro de mês e meio.

ATENÇÃO

Avisamos os nossos leitores que devem guardar, a partir de 1 de Fevereiro, todos os PROGRAMAS dos cinemas a que forem.

«ANIMATÓGRAFO» prepara-se para realizar um GRANDE CONCURSO com PRÉMIOS SENSACIONAIS, à base das mais completas colecções de programas reünidas em 1941 pelos nossos leitores.

O MAIOR MAL



— Gostaste das peles?... Ora, que importância tem um presente de trinta contos para o meu amorzinho!... E se queres ir ao cinema, avisa, que é para eu arranjar duas borlas

O RESULTADO DE 32 ANOS DE PROGRESSO TÉCNICO:

"AS VIAGENS DE GULLIVER"

maravilha colorida da PARAMOUNT



Há, aproximadamente, trinta e dois anos, reüniu-se um grupo de homens numa sala de projecção para ver um milagre. Apagaram-se as luzes e uma máquina primitiva, ruidosa e complicada, fez projectar uns desenhos que se movimentavam. Era a primeira apresentação mundial do primeiro desenho animado — um filme de Winsor McCay intitulado «Gertié, o dinosauro».

Tratava-se de um milagre! O desproporcionado e absurdo Gertié dansava sôbre um cesto de ovos sem partir um só. Tudo era confuso e o movimento tinha saltos que impressionavam a vista, mas ninguém deixava de manifestar o seu entusiasmo. Os convivas homenagearam McCay com um banquete e, durante êste, êle expôs os seus futuros projectos. Curiosas ideias que, todavia, pareciam impossíveis. E houve muita gente que se riu da ingenuidade do referido desenhador considerando-o utopista...

Se algum daqueles senhores que se riram de MacCay ainda vive — o que não é difícil — sem dúvida terá que admitir que «ninguém é profeta na sua terra». Os movimentos do dinosauro evolucionaram, aperfeiçoaram-se, até constituir uma grande atracção, um admirável espectáculo, que sai de estúdios próprios e que envolve capitais que não ficam atrás dos que se arriscam nos filmes com gente de carne e osso.

Recente criação, saída dêsses estúdios, é a de Max Fleischer, para a Paramount, com o tema de «Viagens de Gulliver» adaptação cinematográfica da clássica obra literária de Jonathan Swift a qual está anunciada para breve, no Eden.

A propósito, diremos que, com a apresentação do super-desenho todo colorido «As Viagens de Gulliver», vamos ter um espectáculo onde se aliam, de modo feliz, os atractivos do que diverte e o mérito artístico mais refinado.

Max Fleischer, cujos desenhos animados são de há muito o passa-tempo do público de tôdas as idades, pois tanto a criança como o adulto acham neles estímulos para a imaginação e incentivos para o riso, deu rédea solta à sua travêssa inspiração para apresentar-nos, num filme tecnicolor de longa metragem, as incríveis e graciosas aventuras de Samuel Gulliver na fantástica terra dos anões.

Maravilhosamente musicada do princípio ao fim e encerrando a fascinação encantadora de um conto de fadas, a película transporta-nos suavemente até êsse país de Liliput e, em poucos momentos, sentimo-nos inclinados a olhar como algo real e verdadeiro as ridículas contendas do Rei Bombo com o Rei Miúdo, as maquinações dos três espias; os contrariados amores do Príncipe David e da Princesa Glória; os sustos e correrias do «Gabirú» e de seus minúsculos companheiros, coisas que adquirem a um só tempo a qualidade do fantástico e a emoção e intensidade do humano — pois, finalmente, alma e coração existem nessas graciosas figurinhas, às quais o seu criador conseguiu infundir uma tão completa e impressionante vida.



700.000 desenhos

Fleischer não poupou esforços para a realização da sua obra-prima. Depois de dois anos de labor ininterrupto, os trezentos desenhadores que trabalhavam sob a sua direcção pessoal, apresentaram os desenhos necessários à confecção de «As Viagens de Gulliver», ficando a indústria do filme habilitada a proclamar com orgulho que havia realizado o Milagre do Cinema!

Foi de 700.000 o número de desenhos feitos para tão notável produção. E nos mais pequenos pormenores se cuidou da realização de obra tão grandiosa — tendo-se sempre presente que bastava o menor descuido para que o filme fôsse prejudicado na sua magnitude.

Naturalmente, é supérfluo dizer-se que na produção referida a ténica de direcção é assombrosa; que o argumento á fascinante e o colorido perfeito.

Uma canção mnemónica, de ritmo alegre e interpretada por voz melodiosa, dá um extraordinário realce a um desenho animado. E foi exactamente por isto que Max Fleischer designou Leo Robin e Ralp Raigner para escrever a partitura.

Uma canção que evita uma guerra!

O Rei Bombo e o Rei Miúdo ambos personagens de relêvo no argumento, estão em ponto de lançar-se em uma guerra que, guardadas as devidas proporções, traria para os habitantes de Liliput terríveis conseqüências.

Qual a razão? Um dêles quer que no casamento de seus filhos se cante a canção «Forever» (Para sempre) e o outro que a canção «Faithful» (Fiel) seja a escolhida.

Gulliver resolve a dificuldade de um modo muito inteligente: não será «Para sempre» nem tão pouco «Fiel», a canção escolhida; mas uma nova canção composta de ambas, e que se chamará «Faithful Forever» (Fiel para sempre) o que faz com que os dois monarcas voltem às boas.



Um filme para todos

Como se vê, «As Viagens de Gulliver», além de reünir em alta escala as qualidades que a elevam entre tôdas as grandes produções do cinema, cumpre, devido à própria índole dos seus personagens, a de ser um espectáculo que encerra os poderosíssimos encantos da novidade e do imprevisto. Crianças e adultos encontrarão nele muito que aplaudir, porque (é êste um dos seus maiores atributos), se entusiasma aos últimos, não o fará menos aos que, além do enrêdo, procuram perceber a intenção que a anima com o sentido mais subtil.

P. P.

PANORÂMICA

Annabella e Tyrone

Quando, no último editorial, citámos de memória as estrêlas que haviam passado por Lisboa desde que o Mundo foi forçado a descobrir-nos, depois de o termos descoberto a êle, tínhamos a certeza (e escrevemo-lo com tôdas as letras) de que nos esqueceríamos de alguns. Palpite certo e ressalva prudente, pois nos escaparam, pelo menos, duas das mais notórias, e certamente das que mais simpatia nos merecem, pela afabilidade do seu trato connosco, e pela forma cativante como, em Hollywood, retribuíram a Artur Duarte e a Tereza Casal, emissários da *gens lusitanica*, as atenções que em Lisboa lhe foram tão justamente dispensadas.

Annabella e Tyrone Power não devem ver portanto, no nosso momentâneo e involuntário olvido, nenhum sinal de ingratidão ou pouco aprêço. «Animatógrafo» espera, em muitas outras ocasiões, ter largo ensejo para lho provar.

O que se dirá em Londres?

Num éco que, pelo menos podemos classificar de ingénuo, um jornal matutino de Lisboa descreve a seu modo o acolhimento feito no S. Luiz a Vivien Leigh e Laurence Olivier:

«...os cinéfilos, não contentes com a ruidosa trovoada dos aplausos, deslizaram numa interminável romaria diante da frisa do actor e... êste, surprendido com a *devoção* dos espectadores meneava a cabeça em ar de vénia e agradecimento, certamente porque seria deselegante dar-lhe o jeito que costumamos empregar quando censuramos a inferioridade das massas».

E o comentador acrescenta esta coisa espantosa:

«...se amanhã, em qualquer revista inglesa, lermos as suas impressões sôbre Lisboa e os cinéfilos de Lisboa, não estranhemos que meta a ridículo os basbaques da romaria que o cortejaram na estreia de *Rebeca*».

Descance o jornalista apreensivo, pois não corremos êsse perigo. O que Laurence Olivier poderia dizer é que os cinéfilos de Lisboa lhe não ligaram nenhuma, manifestando uma frieza saloia contra a qual nos indignámos neste mesmo lugar.

Quando Tyrone Power esteve em Londres, há dois anos, a *comedida* multidão londrina quási o fez em fanicos: arrancou-lhe os botões do casaco, esfrangalhou-lhe o chapéu, rasgou-lhe as pestanas das algibeiras, e mais não fez porque interveio a polícia. Não para lhe manifestar o seu desagrado, mas, exactamente, a sua *devoção*, nesta nova idolatria cinéfila que nada tem de condenável.

Em Londres, Tyrone Power ficou contuso, — mas radiante.

Em Lisboa, Laurence Olivier ficou ileso — mas desolado.

Além disso, a opinião de Londres em tal particular é-nos tão indiferente como a do sr. Conde de Kayserling.

Portugal e Espanha

Manuel Augusto Garcia Viñolas já partiu para Madrid, depois das curtas férias que passou em Lisboa.

Curtas, mas proveitosas.

Deixou-nos — e estamos certos de que levou também — a certeza de que as relações cinematográficas entre Espanha e Portugal podem estreitar-se com proveito mútuo, prolongando, num campo de alcance imprescindível, a colaboração que os govêrnos de ambos os países encetaram desde que os mesmos ideais de civilização e as mesmas noções de estabilidade política os possuem e os guiam.

Deixou-nos, além disso, a mais cavalheiresca impressão pessoal e a mais autêntica saúdade.

MUITO CUIDADO COM AS MALAS!...

O humílimo autor destas linhas tem dirigido, como talvez os leitores saibam, algumas fitas cinematográficas. E, ao fazê-las, com o seu horror innato ao reforcido e ao confuso, uma coisa procura constantemente — embora, é claro, nem sempre o consiga: não deixar quaisquer dúvidas ao público àcêrca do que são e do que fazem as suas personagens, sejam elas importantes ou não. Permite-se êle supor que a «clareza» é uma das qualidades fundamentais duma arte que tem por elemento essencial a luz, naturalmente clara. E trata de evitar tudo o que possa sugerir preguntas, a que depois lhe seria impossível e inútil responder.

Pois a-pesar dêste seu cuidado pânico, aconteceram-lhe coisas imprevisíveis.

Por exemplo: no último filme que dirigiu, o protagonista, ao desembarcar, tomava um taxi que o conduzia ao Hotel Aviz, levando consigo uma só mala. É claro que as outras malas, as grandes (pois o nosso homem planeara uma prolongada viagem), iam de camioneta; e disso, que eu saiba, ninguém fez reparo. Mas assim que o cavalheiro pagava o taxi e se dirigia para a porta do hotel, quási se ouvia a sala bradar em côro:

— Olha! Esqueceu-se da mala!...

O tom do côro era a modos que de gáudio, como o dum sujeito que apanha um coelho pelas orelhas, depois de o encadear com os faróis dum automóvel. Porque nada satisfaz mais o nosso Zé Cinéfilo que apanhar um realizador nas curvas, em flagrante delito de paulitada.

Isto deu-se, todos os dias, em Lisboa, no Pôrto, em Coímbra, e presumo que em tôdas as restantes terras do País onde correu o sobredito filme.

É evidente que a explicação já nada adianta, mas ela aí vai.

No Aviz Hotel, como aliás em todos os hoteis de luxo, as malas não entram por onde entram os hóspedes, mas sim pela entrada de servivo. Bastava aliás reparar que a porta é das de torniquete, para se concluir que por ali é que a mala não entrava mesmo, a não ser que o realizador recorresse a complicados truques.

Já não nos lembrávamos do incidente, quando assistimos à primeira exibição do «Primeiro Amor de Gata Borralheira». O público seguia, enlevado como nós, os primeiros debates sentimentais da amorável Deanna. Mas eis que, na cena em que a protagonista volta para junto da sua velha professora, e se apeia da camioneta, o realizador se atreveu a não embaraçar a marcação seguinte com a mala que ela trazia, deixando que ela ficasse sôbre o cais, para que qualquer môço da estação a levasse. E logo a nosso lado irrompeu, triunfal, o grito da vitória:

— Olha! Esqueceu-se da mala!

Pobre Henry Koster! Estiveste tu a «desarrincar», como se diz nesta terrinha, todo aquele poema de movimento e de frescura, para que te apanhassem com a bôca na botija, a caminho da Romaria de N. S. da Asneira, ali em baixo, na rua dos Condes!... Não te esqueceste da mala. A tua actriz lá tinha no papel, uma rapidíssima réplica ao «porteur» invisível (— Take this bag!...), que era impossível e aparentemente inútil traduzir numa legenda. Mas esqueceste-te de que o público português não percebe inglês, mas percebe imenso de cinema.

E não é já a primeira vez que êle te caça. Quando viu «As Três Raparigas cresceram», uma senhora que estava num camarote, quando viu o pai das três irmãs pegar na do meio e levá-la, em plena cerimónia do casamento, para os braços do homem de quem ela gostava a valer, enquanto a mais nova chorava de alegria e a mais velha ia casar com o outro, a sobredita senhora desabafou:

— Bem feita! O pai pôs a filha fora de casa; e a outra gostava tanto do que vai casar com a irmã que está a chorar, coitadinha!...

Também o teu colega Gregory Ratoff, quando realizou o seu excelente «Intermezzo», se esqueceu daquele espectador que estava à minha frente, na estreia, e que, logo à primeira imagem, assim que bispou o Leslie Howard a tocar violino, declarou, para os devidos efeitos:

— Hum! O «tipo» é rabequista! E eu que embirro com rabequistas!...

Em tôda a parte, o público vai ao cinema, e ao teatro, e a qualquer espectáculo, para se divertir, para o gozar, partindo do princípio que quem o fez tem, pelo menos, a vantagem de ter encontrado quem lhe permitisse fazê-lo, o que lhe dá, desde logo, certa autoridade. Mas não em Portugal, onde as plateias estão tôdas cheias de realizadores, de actores, de operadores, de engenheiros de som, de montadores, de coreógrafos, de cenógrafos, de musicógrafos. Aqui, é muito mais sério, porque Pai Paulino tem ôlho e não vai lá às primeiras.

Porisso, senhores realizadores de Hollywood e do Lumiar, de Neubabelsberg e da Cine-Cittá — muito cuidado com as malas!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

CINEMA DE AMADORES

O CINEMA DE AMADORES tem uma POSIÇÃO!

Hoje mais do que nunca se torna necessário falar desassombradamente aos amadores de Cinema.

Tornou-se indispensável esta explicação, pela necessidade urgente de acabarmos de uma vez para sempre com equívocos e mal entendidos.

Há dois motivos que nos levam a tomar esta atitude.

1.° — Terminar hoje mesmo — e cremos não ser exigentes — com a ideia já velha, de que o Cinema de amadores deve seguir as normas profissionais.

2.° — A criação desta secção, numa revista de Cinema profissional.

O Cinema de amadores encontra-se assim em cheque. Os olhares do público e dos cinematografistas portugueses, mesmo sem quererem, convergem para o amadorismo, e se escrevemos isto, é porque pretendemos anotar nesta secção tôdas as manifestações cinematográficas dos amadores portugueses.

Portanto é necessário fazer boa figura, e sei que os amadores portugueses são capazes de a fazer.

Devem, porém, abandonar certos pretenciosismos que não ficam nada bem, e que dão uma nota de mau gôsto ao conjunto tão rico que possuem.

Amadores!

Tracem urgentemente uma fronteira. Dividam o vosso campo e gritem: Aqui temos as nossas leis, a nossa linguagem, a nossa liberdade de acção.

E se alguém duvidar, se alguém houver que não creia em vós, lutai com as vossas armas, que são os vossos filmes.

Então, garanto-vos, ireis longe.

J. M.

IMAGINAÇÃO, factor primordial

O Snr. X pregunta-me: — Que pensas tu do cinema por amadores ...!

Respondo: — O cinema por amadores é uma arte poderosamente sugestiva e tão acessível à poesia que pode traduzi-la intensamente nas suas múltiplas formas.

O Snr. X: — Concordo: Todavia o seu campo é limitado.

Eu: — Enganas-te; na cinematografia por amadores o limite não existe. É o nosso sub-consciente que, levado pela mão prodigiosa da imaginação, produz com a colaboração da técnica cinematográfica obras de real valor.

O Snr. X: — Queres então dizer-me que a base dos filmes de amadores é a ideia.

Eu: — Regosijo-me por me teres compreendido.

É justamente, na forma de conceber as suas obras que os amadores se elevam a cima dos profissionais.

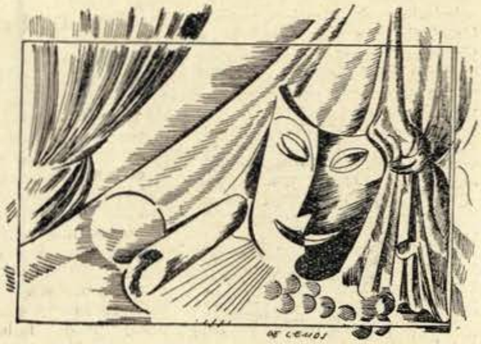
O Snr. X: — Mas o amador não pode fazer as suas obras nos moldes dos profissionais?

Eu: — Claro que pode; ninguém o impede de fazer, mas deixa-me dizer-te: não passa dum mísero plagiador.

O Snr. X: — ?!...

Eu: — Eu te explico: — a cinematografia por amadores é uma arte absolutamente independente, vivendo única e simplesmente da imaginação, nada tendo a ver com o cinema profissional.

Enquanto neste último se procura arranjar um enrêdo ao gôsto do público para que a obra resulte sob o ponto de vista comercial, no campo dos amadores essa preocupação não existe, porque os



seus filmes não são feitos para ganhar dinheiro, mas sim como puras manifestações artísticas.

O Snr. X: — Concretizando: A cinematografia por amadores possue meios para se bastar a si própria. Tem uma linguagem sua e vida própria.

Eu: — Justamente: a vida no cinema em formato reduzido é sempre uma vida diferente daquela que habitualmente os profissionais nos apresentam. Uma vida de sonho, de encantos e de beleza.

Uma vida que apetece viver, mesmo nos seus momentos mais trágicos, porque até nestes a arte e a beleza predominam.

O Snr. X: — Portanto todo aquele que utiliza os meios do amador em argumentos e ideias profissionais comete um êrro lamentável.

Eu: — Evidentemente.

JOÃO MENDES

ACTIVIDADE

★ Mateus Júnior, terceiro classificado num concurso de filmes de amadores organizado no ano passado, está filmando os últimos planos do seu novo filme «Casas brancas sôbre o rio», cuja acção se enquadra na região da Praia do Ribatejo.

Para êste filme registou-se em disco uma canção que comentará uma seqüência de grande efeito visual.

★ Encontra-se quási concluído o documentário artístico «Vida Rústica», de Eduardo Marques, autor do filme sôbre o Jardim Zoológico dos Pequeninos, «Aldeia das Bonecas».

★ Devem iniciar-se em breve, promovidas pela sub-secção de Cinema do Grémio Português de Fotografia, as sessões mensais de filmes de amadores.

Essas sessões serão, êste ano, acompanhadas de comentários, feitos por amadores competentes que para êsse fim serão convidados.

Desnecessário será dizer que esta iniciativa é de manifesta utilidade para os amadores de Cinema.

★ Constituiu-se uma secção de Cinema de formato reduzido num pôsto emissor de radiofonia amador.

Carlos Tudela, o amador que realizou «Ciganos» e «Crise», dirige essa secção que vai produzir um filme de «imaginação» intitulado «O Feiticeiro da Floresta».

★ A agremiação de amadores portuenses ADA Filmes, que já produziu «Casamentos de Encomenda» e «Rapaz de Miramar», não é estranha à iniciativa dum amador lisboeta, de realizar, na próxima primavera, na capital do Norte, um filme cultural.

«Cidade em flor» focará sob um aspecto inédito a vida, plena de frescura, dos jovens trabalhadores ribeirinhos da Cidade Invicta.

CINEMA PORTUGUÊS

Em defesa dos COMPLEMENTOS

Da necessidade de criar o espectáculo de filmes curtos

O gôsto do público deve ser dirigido, como se dirige o instinto da criança.

Notamos que, em Portugal, muita gente não dá ainda o devido apreço ao filme curto, ao filme de complemento, que tanto ameniza e valoriza o espectáculo cinematográfico. Talvez o facto não surpreenda se nos lembrarmos de que o nosso público prefere o romance compacto à novela curta e — quantas vezes! — o poema ao soneto. Mas também não é menos verdade — como dizia um rei da França — que a «pequenês da cozinha é que faz a grandeza da mesa». Ora, de facto, o filme curto constitui esplêndido «hors-d'œuvre» da ementa-programa do espectáculo cinematográfico.

Em inúmeros países, o filme curto é alvo de honras especiais. Muitas salas de projecção especializaram-se na sua apresentação. Em Espanha — para não irmos mais longe — muitos cinemas exibem, em espectáculos especiais, filmes de pequena metragem — actualidades, farsas culturais, comédias.

Entre nós, a predilecção do público pelos «shorts» ainda não se tornou nítida. Muita gente não lhes dá o devido valor, que, até certo ponto, não traz vantagem — sabem a quê? — à indústria cinematográfica portuguesa.

Se o filme de complemento tivesse a aprovação incondicional dos nossos públicos, os profissionais de cinema viveriam mais desafogados, pois teriam trabalho permanente, e o público — e a arte das imagens — só lucrariam com o facto, que traria um aperfeiçoamento de processos, e constituiria óptima escola para «vedetas» e técnicos das mais variadas categorias. Em Portugal, os filmes curtos, quando se produzem, têm o aspecto de tentativa isolada. Ora, as tentativas isoladas não oferecem interêsse prático: valem só pela boa intenção — e nada há de menos profícuo, numa indústria, do que as boas intenções.

O público cinematográfico tem sido senhor dos seus destinos e das suas predilecções, mas, como dissemos no princípio destas linhas o seu gôsto deve ser dirigido. Conseguiu-se já, e sem que êle quási sentisse a audácia, apurar-lhe o gôsto; porém, alguns dos seus pontos de vista continuam à espera de que os orientem e apurem.

Durante muito tempo, o documentário de longa metragem foi uma fonte de tédio para os espectadores dos nossos cinemas; aguçada, porém, a sua sensibilidade, êle passa a ter adeptos, muitos adeptos que alastraram da cidade à província, conforme inquérito directo e pessoal que fizemos há tempo.

E assim aconteceu também com o filme curto. Antigamente, muita gente entrava nos cinemas depois de ter começado o espectáculo — às vezes no primeiro intervalo — para não ver os complementos. Hoje, isso já não sucede. O público habituou-se, compreendeu, gostou. Já os distingue com a sua preferência, com a sua presença, com o seu comentário, até. O jornal de actualidades tornou-se imprescindível. O desenho animado já não pode ficar ausente. O filmezinho de variedades — as investigações do padre Hubband, as viagens de Fitzpatrick as especialidades de Pete Smith, as aventuras do operador cinematográfico, o «Tapete Mágico», a série «Crime e castigo», são indispensáveis. O gôsto do público evoluiu. Mas ainda não chegou ao ponto de exigir que se organizassem espectáculos exclusivamente com filmes curtos.

★

E porque não tentar êste género de espectáculos?

Portugal foi esgravatado pelos documentários de cem metros mas não revelado e cantado em imagens. Falta fazer documentários da nossa terra — filmezinhos onde a Arte, o bom gôsto e o bom senso andem despretenciosamente de braço dado. Filmezinhos onde se não mostre a fachada da pensão da D. Fomenicas e a bica providencial da vila servida por camionetas (reclamo sempre a aproveitar...) mas onde se mostre êste «anfiteatro levantado em frente do Atlântico»; onde se apresente a orografia e até, se interessar, algo da geognosia do território; os caracteres inteiramente diversos das províncias, pondo em contraste a fertilidade do Minho; a aspereza agreste dos contrafortes do Marão, o encanto peculiar e fresco das Beiras, a grandeza austera do Alentejo e a policromia assombrosa do Algarve das amendoeiras e das grandes praias que vão meter-se, entorpecidas, nas águas do Atlântico. Isto daria bons filmes, e o público não se aborreceria dêles.

Outros que recolhessem fragmentos do nosso folclore — as nossas danças, as nossas músicas — poderiam ser filigranas que nos prendessem os sentidos.

Dos grandes vultos da nossa história não seria difícil — conquanto dispendioso, é certo — recordar, em filme, os traços e as acções capitais. E vultos menos popularizados, mas cujas vidas dariam romances, forneceriam preciosa série de vulgarização. Que tema inexgotável, o das biografias cinematográficas! Biografias de reis e rainhas, de sábios e poetas, de conquistadores e navegadores. Histórias e lendas contadas em dez minutos! Lições agradáveis e de resultados benéficos — apenas benéficos!

E se quisessemos entrar no campo da obra de ficção, teriamos ainda trabalho de cultura e de vulgarização ao transpor para a tela contos e novelas de autores nossos, muito nossos, como (citamos ao acaso) — o «Tesouro», de Eça; os «Ceifeiros», de Fialho; páginas dos «Meus Amores», de Trindade Coelho — um mundo inexgotável de pequenas maravilhas a que um pouco de imaginação daria o interêsse cinematográfico necessário.

Mas preferiam o filme de variedades?

Aí tínhamos, para os apaixonados da beira-rio, a pesca de trutas no Ave, ou a pesca do sável no Tejo. Aí tínhamos, para os amadores de coisas de campo, as boas caçadas — às perdizes, uma batida aos lobos, uma

(Conclui na página 18)

VER OUVIR... E FALAR

Tôdas as semanas ando à procura de um assunto original. Passo em revista os temas fatais de tôdas as crónicas e nunca me sai da cabeça a complicada engrenagem do Cinema português, nunca me abandonam os mil e um problemas da nossa indústria de filmes, os quais afinal de contas se resumem num só: a indispensável disciplina que faça entrar tudo nos eixos.

Hoje, porém, lembrei-me do Cinema espanhol. Deve ter sido por motivo do Portugal-Espanha ou por ter visto há dias uma fita feita recentemente no país vizinho, primeira de uma série de documentários tipicamente espanhóis. Devo confessar que dias antes o seu autor, Garcia Viñolas, afirmara-me que, em Espanha, se ia procurar fazer Cinema de carácter internacional. A promessa interessou-me e fez nascer em mim esta interrogação: porque não existe um Cinema característico, genuinamente espanhol?

Digo-lhes, sinceramente, que a resposta tive-a com a visão do referido documentário. A Espanha é um país cenográfico, cheio de côres variadas e de paixões vivas. À primeira vista, parece uma terra privilegiada para obras de imagens e de sons. Possui pitoresco ,cantigas, danças. Tem luz, tem movimento... E, no entanto, o caso do Cinema espanhol assemelha-se lamentavelmente ao Cinema nacional português — isto é, não existe.

Sempre tive pela Espanha uma grande consideração. Eis porque o seu caso cinematográfico merece esta crónica, justifica esta análise.

A Espanha não é um país sêco de alma, deshumano, sem literatura, sem quadros e sem música. Tem condições de visualidade única como o provam os seus pintores. Ora parece-me que é exactamente a própria exuberância de côres e de pitoresco a grande culpada da falta de um Cinema genuinamente espanhol. Parece paradoxal, mas é assim. O pitoresco, o excessivo guarda-roupa convencional, as castanholas e as touradas — limitam o mundo, tornam-no demasiadamente exterior, sem universalidade. O mesmo fenómeno dá-se com Portugal. Os fados, os arraiais, o fogo de artifício, os fatos à moda do Minho, afogam as possibilidades de expansão e desenvolvimento do nosso Cinema, criando-lhe um limitado espaço de interêsse — interêsse que fàcilmente é saciado por públicos estranhos.

Os espanhóis foram sempre notáveis criadores de tipos. Todos os tipos humanos clássicos são naturalmente de origem espanhola. Lembremos, por exemplo, D. Juan e D. Quixote. Mas deram-lhe sempre uma indumentária regional, amarrando-os à fatalidade dos «sombreros» e dos «pantalones» do século XVI. E poucas peças espanholas podem ser representadas hoje com os fatos do nosso tempo, como os dramas de Shakespeare.

Nos filmes espanhóis, como nos nossos, tem havido, por vezes, demasiada preocupação dos campos e dos trajos. Até certo ponto, compreendo o recurso, mas desejaria que não se tornasse hábito. A excessiva individualidade dos dois povos possui alguma coisa de exterior. É esta talvez a razão porque Garcia Viñolas, inteligentemente, quere que o seu Cinema enverede por caminho diverso. É que quando se realiza um bom filme caracteristicamente folclórico, arrisca-se a não poder produzir-se outro que não seja imitação do primeiro...

AUGUSTO FRAGA

CARTAS DE ALÉM-DUMAS...

OS 3 MOSQUETEIROS

escreveram a MARIA DA GRAÇA



Três cinéfilos da Anadia escreveram à simpática estrelinha da Lisboa-Filme estas três cartas que ela nos comunicou e que publicamos com o maior prazer.

A CARTA DE ATHOS

Maria da Graça:

Província, dia de chuva teimosa, um fogão de lenha vai queimando com labareda consoladora as cavacas de pinho e 3 solteirões dum quarto de idade, vão aspirando os cigarros, enquanto folheam e admiram as imagens do novo filme «Pôrto de Abrigo».

A sua carinha simpática, levou-nos a grande discussão acêrca das suas possibilidades cinematográficas e creia, que merece a bênção dos Deuses só por conseguir alegrar, distrair, êstes três tristes solteirões.

Maria da Graça, escreva, diga coisas várias, dê notícias e creia que pode contar com três confidentes das suas alegrias, das tristezas, que de-certo também assombrarão por vezes a sua adorável carinha de meridional, com tôdas as tragédias que nos são peculiares.

O seu retrato amigo está ali ao alto, por cima do fogão, e noto que o seu sorriso é triste, forçado e necessitamos que nos envie já na volta do correio uma foto um pouco mais alegre, mais viva, que venha alegrar-nos êstes dias pesados, frios e horrivelmente estúpidos de inverno na província.

Em breve em Lisboa, findas as férias, irei ao Tivoli apreciar os seus dotes como fulcro da película, de certo feliz, do sr. Adolfo Coelho e relembrarei então, descendo a Avenida, encafuado no sobretudo, essa adorável «baby» que não respondeu ao apêlo dos três solteirões... ou então no restaurante direi aos companheiros de mesa: «Fui ver o «Pôrto de Abrigo»; aquela Maria da Graça é uma revelação e, depois, muito simpática; querem ver uma foto interessante com autógrafo e tudo?»

Maria da Graça, isto não é chantagem americana, prometendo-lhe publicidade em troca duma foto, não! É o desejo ardente dêstes três amigos, que nessa qualidade têm direito a essa prova de amizade, de que singre como estrêla de primeira grandeza no fraco elenco dos valores portugueses.

Boas-Festas, Feliz Ano Novo e aceite três grandes abraços dos três mosqueteiros do século XX.

Anadia, 31-XII-940.

ZÉ LAGRIFFA (ATHOS)

A CARTA DE PORTHOS

Maria da Graça:

É sempre difícil escrever para quem se não conhece; mas muito mais difícil deve ser responder a quem é inteiramente desconhecido.

Vejamos se nos entendemos. Até há bem poucos dias eu ouviria Maria da Graça *como suavíssimo cântico de nome português, aonde perpassasse a* graça *que, seguramente, da Maria da Graça se emana; hoje, porém, depois que «Animatógrafo» me trouxe a sua figura gentil, num sorriso grácil e meigo do seu rostozito encantador, dêsses que nas noites longas de vigília, quando aos 16 anos são uma quimera mais promissora da nossa vida de sonho e de incerteza, que é a dos rapazes dessa idade, nos lembram que seria dadivoso sobremaneira o Destino se em nosso caminho nos colocasse tão terna, irreal, frágil, carinhosa, dolorida, cativante e, sobretudo, amorosa figura. Nesse tempo, ao contemplá-la no seu sorriso ingénuo, feliz, eu sentiria dentro de mim o desejo louco, mas humano, de dizer-lhe, qual Magriço dos tempos de antanho: «Senhora minha! A vossos pés deponho minha frágil vida; que ela seja venturosa podendo pôr-se ao seu serviço incondicional, dando-lhe o valor que para mim não tem, desde que não seja aproveitada por vós; se a não quiserdes, que eu morra com o perdão e consolação de que o meu suicídio voluntário se tornará credor perante Vós, senhora Minha!»*

Mas os 16 anos ficaram para trás, já lá vai uma dezena — que imprevidente que eu fui dizendo-lhe a minha idade. Por outro lado os tempos são modernos, marcham numa marcha vitoriosa e infrene, insustável. A-pesar-de tudo eu venho escrever-lhe. Porquê? É aqui que reside a dificuldade que eu vou tentar fazer-lhe compreender.

Historiando, dir-lhe-ei que os filmes portugueses têm, para mim, sempre um encanto especial: o motivo, a música, a graça, a fotografia, etc., o que, tudo, poderá ser resumido nesta palavra: agradabilidade. Infelizmente nem sempre se encontra. Somados os defeitos e qualidades nem sempre é superavit *o que encontramos; é mais fácil virmos a encontrar-nos com um* deficit *deselegante e aborrecido. Umas vezes é a fotografia que se salva; de outras o som; de outras ainda o acompanhamento musical, algumas canções e pouco mais. Quási sempre — e com que mágoa — encontramos um desempenho que não nos parece à altura do intérprete que não conhecemos mas queremos adivinhar através da fotografia que a publicidade nos atirou para ofuscar o nosso sentido de discernimento, quando porventura vejamos o filme. Não é a primeira vez que isto me sucede e eu penso que cabe aos intérpretes grande culpa do que se passou, porque eu, que sou teimoso, se um realizador me dissesse «faça assim», tendo eu a certeza de que era contra aquilo que deveria ser, eu, obstinadamente, lutaria até ver triunfar a ideia boa, aquela que me deixasse ser artista e não simples fantoche de conveniência ingénua para gôsto embotado de público mal habituado por mal servido.*

Quanto eu desejaria, Maria da Graça, vê-la humana — e quanta verdade, quanto de tudo resume esta simples palavra.

Como não têm conseguido sê-lo as suas colegas dos filmes anteriores, seja Humana!!!

Terá, ainda, maior admiração de

MÁRIO MIRANDA (PORTHOS)

A CARTA DE ARAMIS

Maria da Graça:

Faltava que um dos solteirões — não pense que nos vê sentados ocupando, de enormes corpos, enorme poltrona — ou um dos três mosqueteiros que por esta terra, ora aérea ora soturna, vivem a vida em busca sempre de outros momentos mais agradáveis dos passados em se atender que o cine da povoação nos traga rosto alegre e jovem — lhe escrevesse.

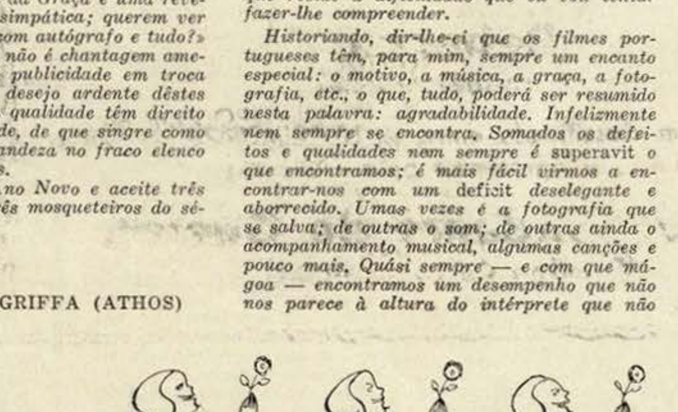
O adágio bem conhecido de «os últimos são os primeiros» não me parece que me venha favorecer. Calcule V. que sou eu o último Magriço — lá diz o mais solteirão dos mosqueteiros — que lhe escrevo. Claro que bem podia fazer como aquele cavalheiro que à mesa e no final do banquete, se levanta sério, rosto vincado, ar de superioridade sobreposta ao momento — é preciso falar, que diabo! — que diz: «Minhas senhoras e meus senhores, o homenageado é uma pessoa inteligente, simpático e de grande valor. Pouco mais tenho a juntar ao que os meus amigos disseram. Faço, pois, minhas as palavras dos Srs. Fulano, Sicrano, Beltrano...»

Mas se eu me servisse dêsse subterfúgio apelando para as cartas dos outros dois solteirões, cairia nesta triste situação: abdicar da minha personalidade em favor da dêles que sem favor não fizeram favor nenhum em favorecer a simpatia que se irradia do seu rosto, ora meigo no olhar ora misterioso no nariz arrebitadito.

Tomo, portanto, outra atitude, aproveitando o que êles lhe escrevem, acrescento mais: — Maria da Graça, há muitas cartas que V.

(Conclue na página 18)

O DIRECTOR DE «ANIMATÓGRAFO» CONVIDA OS TRÊS MOSQUETEIROS A COLABORAREM NO SEU JORNAL



OS CHAMADOS «MONEY-MAKERS»







GABLE, ROONEY, TRACY

vão à cabeça da lista «comercial» de 1940

No número de 1 de Janeiro corrente, o *Daily Mirror*, pela pena do crítico cinematográfico Reginald Whitley, publica as listas das estrêlas que mais renderam nas bilheteiras das salas de espectáculos americanas e inglesas.

Eis os resultados de Inglaterra, obtidos pelo inquérito anual do *Motion Picture Herald*, no que respeita ao ano de 1940 e aos 4.000 cinemas das Ilhas Britânicas:

1 — MICKEY ROONEY
2 — DEANNA DURBIN
3 — SPENCER TRACY
4 — JEANETTE MAC DONALD
5 — GEORGE FORMBY
6 — NELSON EDDY
7 — ERROL FLYNN
8 — JAMES CAGNEY
9 — GARY COOPER
10 — BING CROSBY

Também nos E. U. os 15.000 exibidores confirmaram ter sido Mickey Rooney a estrêla mais rendosa de 1940, conforme se verifica na lista americana:

1 — MICKEY ROONEY
2 — SPENCER TRACY
3 — CLARK GABLE
4 — GENE AUTRY
5 — TYRONE POWER
6 — JAMES CAGNEY
7 — BING CROSBY
8 — WALLACE BEERY
9 — BETTE DAVIS
10 — JUDY GARLAND

Para o nosso caso devemos guiar-nos sobretudo pela lista americana, pois ela coincide mais com aquilo que se passa em Portugal.

Vejamos agora o que nos sugere o exame dêstes resultados.

O CASO SHIRLEY

«Money Making Star» (estrêla que rende dinheiro) é, também, *Estrêla popular*. Servindo-nos do exemplo de Shirley Temple, verifica-se que a curva da popularidade da garota habilidosa seguiu exactamente a mesma trajectória acusada pelos inquéritos do *Motion Picture*. Essa curva foi a seguinte:

1933 — Shirley Temple não aparece ainda no quadro das 10 primeiras.
1934 — Shirley surge em oitavo lugar entre as 10 primeiras.
1935 — Shirley ocupa o 1.º lugar.
1936 — Shirley continua no 1.º lugar.
1937 — Shirley é ainda a estrêla n.º 1.
1938 — Shirley ocupa, pela última vez o 1.º lugar.
1939 — Shirley desce para 5.º lugar.
1940 — Shirley sai do quadro das 10 primeiras *money making stars*.

Isto não quere dizer que Shirley não volte a ocupar um dia, de novo, o primeiro lugar entre as estrêlas mais populares e, portanto, que ela não venha a figurar, também, ao alto daqueles quadros.

O CASO GARBO

Lembremo-nos de que Greta Garbo, a grande Greta Garbo, indiscutìvelmente a maior actriz da tela e uma das que mais público levam aos cinemas, nunca ocupou lugares de evidência nos quadros anuais do *Motion Picture*. Uma das razões disso está no facto de Greta Garbo ter interpretado, quando muito, um filme por ano, ao passo que as estrêlas, que mais se distinguem naqueles quadros, regra geral, são exactamente aquelas que mais filmes interpretam.

Será, com efeito, temerário pretender tirar quaisquer conclusões dos inquéritos do *Motion Picture*, para se avaliar a popularidade de Greta Garbo. A primeira vez que ela aparece nos quadros das 10 primeiras do ano é em 1930 muito depois dela ter sido consagrada como a maior. Mas, ainda assim, em 1930 ocupou apenas o 6.º lugar. Em 1931 desceu para o 10.º e em 1932 ficou em 5.º. Depois disso desapareceu, de vez, até hoje.

Das observações feitas acima, conclui-se:

1.º — Que a curva da popularidade da estrêla coincide, em regra, com a da sua presença no quadro das 10 primeiras «money-makers»;

2.º — Que, quando assim não acontece, a excepção tem sempre justificação; e

3.º — Que essas excepções estão regra geral, ligadas ao número de filmes interpretados pelas estrêlas em questão.

ALGUMAS «CURVAS»

Observemos, entretanto, as curvas de algumas «Stars».

Comecemos por Mary Pickford, não só por ter sido uma das primeiras «money-makers», mas ainda por ter conservado essa qualidade durante um grande número de anos. O *Motion Picture* inaugurou o inquérito em 1915. Logo nesse ano Mary Pickford aparece no quadro, em 2.º lugar. Eis a *situação* dela a partir de então:

1915 — 2.º lugar.
1916 — 2.º lugar.
1917 — 4.º lugar.
1918 — 2.º lugar.
1919 — 3.º lugar.
1920 — 6.º lugar.
1921 — 1.º lugar.
1922 — 1.º lugar.
1923 — 4.º lugar.
1924 — 7.º lugar.
1925 — 4.º lugar.
1926 — 7.º lugar.

Mary Pickford bateu, até agora, o «record» de permanência.

Os casos mais recentes de permanência são os de Joan Crawford, Clark Gable e Wallace Beery.

Joan Crawford surge, pela primeira vez, no quadro de 1930 e logo em 1.º lugar. Depois, mantém-se, consecutivamente, até 1936. A seguir, desaparece, mas sem que isso signifique que tenha caído em desgraça.

Gable fez a sua aparição no quadro de 1932, em 8.º lugar. Em 1933 ocupa o 7.º; em 1934 sobe para 2.º; em 1935 fica em 3.º; em 1936 volta a ocupar o 2.º que mantém até 1938; em 1939 desce para o 3.º, onde continua em 1940. Resultado: 9 anos de permanência.

Wallace Beery foi para a lista dos 10 em 1932, onde ocupou o 7.º lugar. Em 1933 sobe para o 5.º, em 1934 para o 4.º e, em 1935 desce até ao 9.º, desaparecendo, daí em diante, até 1940, em cujo quadro reaparece em 8. lugar.

Há no meio de tudo isto, os eventuais. É, por exemplo os casos de Myrna Loy, que esteve em 7.º lugar em 1938, Sonja Henie que ocupou o 8.º em 1937 e o 3.º em 1938, etc., etc...

A título de curiosidade, eis os quadros, de 5 em 5 anos:

1915

1 — Wiliam S. Hart
2 — Mary Pickford
3 — Tom Mix
4 — Blanche Sweet
5 — William Farnum
6 — J. Warren Kerrigan
7 — Dorothy Gish
8 — Anita Stewart
9 — Kathlyn Williams
10 — Francis X. Bushman e Beverly Bayne (empatados)

1920

1 — Wallace Reid
2 — Marguerite Clark
3 — Charles Ray
4 — Douglas Fairbanks
5 — Mary Miles Minter
6 — Mary Pickford
7 — Clara Kimbal Young
8 — Wiliam S. Hart
9 — Norma Talmadge
10 — Theda Bara

1925

1 — Rudolph Valentino
2 — Norma Talmadge
3 — Marion Davies
4 — Mary Pickford
5 — Douglas Fairbanks
6 — Fred Thompson
7 — Harold Lloyd
6 — Colleen Moore
9 — Gloria Swanson
10 — Thomas Meigham

1930

1 — Joan Crawford
2 — Clara Bow
3 — William Haines
4 — Janet Gaynor
5 — Colleen Moore
6 — Greta Garbo
7 — Al Jolson
8 — Richard Barthelmess
9 — Rin Tin Tin
10 — Tom Mix

1935

1 — Shirley Temple
2 — Will Rogers
3 — Clark Gable
4 — Fred Astaire-Ginger Rogers
5 — James Gagney
6 — Joan Crawford
7 — Claudette Colbert
8 — Dik Powell
9 — Wallace Beery
10 — Joe E. Brown

Repare-se no facto curioso de em 1930, Rin Tin Tin, um cão ter sido um dos 10 maiores *money-makers*.

OS «ACADÉMICOS»

Dois grandes acontecimentos anuais correm paralelos para nos elucidarem sôbre o que valem as estrêlas de cinema, quere para o público, quere para os críticos e cineastas.

São êles o aludido inquérito do *Motion Picture Herald* e os *Prémios da Academia Americana*. Pelo primeiro conhecemos as preferências da grande massa dos que vão ao cinema apenas por recreio; pelo segundo avaliamos o real valor artístico dos colaboradores dos filmes, através as opiniões de pessoas idóneas. Raras vezes há coincidência. Por exemplo, um dos filmes que mais êxito obtiveram em 1940 foi *Gone with the wind*, por acaso, estreado nos últimos dias de

1939. O papel de Scarlett O'Hara valeu a Vivian Leigh o primeiro prémio da interpretação feminina. Seria natural que, tendo o filme obtido um èxito único na história do cinema, Vivian Leigh, a classificada pela Academia, viesse a figurar entre as estrêlas que mais dinheiro renderam em 1940. Todavia, isso não aconteceu, porque os exibidores americanos chegaram à conclusão de que o êxito retumbante de *Gone with the wind* não foi devido à criação de Vivian Leigh, mas sim ao trabalho em conjunto, de todos os colaboradores da fita.

Examinando o quadro americano dêste ano, tiram-se outras conclusões interessantes. Assim, por exemplo, observa-se que Spencer Tracy vai «de vento em popa», como usa dizer-se em bom português. Apareceu no quadro de 1938, em 5.° lugar; em 1939 subia para o 3.°; e, agora, em 1940, já ocupa o 2.°.

Tyrone Power, que aparecera em 1938 em 10.° lugar, subiu em 1939 para o 2.° e êste ano está em 5.°.

James Cagney, que figurava no quadro de 1935, fortuitamente, só volta a aparecer no de 1939 em 9.° lugar e, em 1940, sobe para o 6.°.

Bing Grosby é um caso *sugeneris*, também. Tem figurado «a prestações». Foi um dos *Winners* em 1934; desapareceu, depois, até 1937, ano em que, ficou em 4.° lugar; e só volta a reaparecer em 1940.

Bette Davis, só figurou, pela primeira vez, no quadro de 1939, em 6.° lugar. Êste ano está em 9.°.

Em 10.° lugar temos agora Judy Garlan, que faz a sua estreia como *money maker*. Judy começou êste ano a sua carreira de estrêla. Até aqui tem sido *featured player*.

Não será exagêro augurar-lhe longa permanência nos quadros do *Motion Picture* nem tão pouco é ousado admitir que ela venha a ocupar um lugar de destaque nessa classificação.

Já à última hora, chegaram até mim os resultados da votação feita pelos exibidores americanos por intermédio da revista *Yankee* «Variety». Não se trata, agora, de *money-makers*, mas sim de estrêlas predilectas.

Na primeira página do número daquela revista datado de 18 de Dezembro, vem a lista dos 6 primeiros classificados. Ei-la:

1 — CLARK GABLE
2 — MICKEY ROONEY
3 — SPENCER TRACY
4 — ERROL FLYNN
5 — BETTE DAVIS
6 — GARY COOPER

É curioso observar que, tanto na votação do *Variety*, como no quadro americano do *Motion Picture Herald*, os três primeiros lugares, salva uma questão de ordem, pertencem a Clark Gable, Mickey Rooney e Spencer Tracy. Quere dizer: acêrca da influência dêstes 3 actores nas bilheteiras não subsistem dúvidas. Gable, Rooney e Tracy são, simultâneamente, campeões de popularidade e de bilheteira.

Dos outros três restantes votados por intermédio do *Variety*, apenas Bette Davis aparece na lista do *Herald*, em 9.° lugar.

Raúl FARIA DA FONSECA

IN MEMORIAM DE LEOPOLDO O'DONNELL

Uma carta de JOSÉ FIGUEIROA ex-secretário do OLYMPIA

Meu caro Lopes Ribeiro:

Você, que sabe os variadíssimos cargos que apoquentam a minha «existência» cinéfila, foi duma crueldade extrema, duma crueldade de carrasco da Idade Média, deixando cair, impiedosamente, o seu machado sôbre o meu pescoço de lutador, com essa intimativa de reservar uma página para um anónimo rabiscador, como eu sou, dizer aos quatro ventos da Cinematografia, quem foi êsse Grande do Cinema, *que em vida se chamou: Leopoldo O'Donnell.*

Pois, com tôda a franqueza lhe direi, que, se não fôsse tratar-se dêsse inesquecível, dêsse grande e querido amigo, eu ter-lhe-ia respondido — um NÃO! *muito* não, *e, não usaria a pena que hoje quási só sabe escrevinhar rèclames, dizendo as mais* lindas coisas, *dos mais* feios filmes, *para maçar os seus muitos leitores, com a minha prosa sem estilo.*

Mas, o Leopoldo O'Donnell merece êste meu pequeno sacrifício, e, eu sou-lhe devedor de tanta coisa!

Viveu comigo numa época em que o Cinema procurava impôr-se e em que o Cinema conseguiu a sua definitiva vitória.

Uma vitória absoluta e decisiva!

Parece que o estou vendo — na sua elegância desempenada — no seu porte irrepreensível de «gentleman» — da mais fina têmpera, no seu trato afável, simpático, sorridente e sôbre tudo amigo, com A grande — Amigo dedicadíssimo.

Pobre O'Donnell! que tão cedo arruinaste o teu montante das primeiras hostes cinéfilas!...

A tua doença primeiro e depois, seguramente, a nostalgia do trabalho, levaram-te do nosso convívio — da nossa amizade, da nossa camaradagem!...

Leopoldo O'Donnell acima de tudo amava o trabalho — gostava do trabalho, intenso, dinâmico, incisivo.

Tinha a paixão pelo imprevisto — pelo difícil — pelo impossível!

O «seu» Olímpia! — porque «aquilo» foi tudo obra sua — a sua obra pessoal — era a sua única preocupação constante.

Êle podia lá viver sem as «fitas»! Sem o Olímpia!

E foi isso, tenho a certeza — foi isso que o matou!

Não foi a doença: a essa resistiria o seu forte arcaboiço.

Quem o matou foi a saüdade! *Essa portuguesíssima palavra!*

A saüdade de não poder dar as suas ordens — de não mandar — de não discutir — de não ralhar — barafustar — inventar — criar!

A doença tirava-lhe êsse maior prazer da sua existência.

E morreu de saüdade da sua profissão, como um apaixonado pode morrer de saüdade da sua amada querida...

Leopoldo O'Donnell foi enorme em tudo — no saber — na organização — na ousadia, e na Bondade.

Oh! O seu bondoso coração de Amigo, sempre atento, sempre pronto a auxiliar todos que d'Êle se acercavam, para progredirem — para prosperarem — para darem os primeiros passos na vida...

Eu, entrei para o seu serviço duma forma humilde. Tinha secretariado meu pai, no Politeama, numa Companhia do saüdoso Inácio Peixoto. Aquilo acabara, e eu estava sem emprêgo. Minha mãe solicitou, então, a êsse outro grande amigo, o sr. Conselheiro Petra Viana, um lugar, ainda que modesto, para mim, para que eu pudesse ganhar uns patacos. Fui para uma exploração transitória de cinema no Politeama. Cargo importante *era o meu: expôr, com mais ou menos «*arte*» as fotografias das fitas...*

E tão bem ou tão mal me saí, e tanto trabalhei, que Leopoldo O'Donnell, reconhecendo a minha vontade, e a minha persistência, levou-me depois para o Olímpia — que saüdades tenho eu, imensas, dêsse tempo! — e fez de mim o seu secretário — o secretário dêsse Olímpia faustoso — dêsse Olímpia que marcou uma época e que foi o primeiro cinema de Lisboa, em todos os sentidos.

Fomos dois grandes amigos. No trabalho e na vida particular. Fui seu companheiro e fui seu empregado — duas coisas que, à primeira vista, parecem antagónicas, mas que Leopoldo O'Donnell sabia, como ninguém, tornar

(Conclue na página 18

«O OUTRO» NO TIVOLI



A Tivoli apresenta hoje um filme sensacional, recem-estreado na América: «O Outro» (They knew they wanted), da Rádio-Filmes



São intérpretes principais de «O Outro» Charles Laughton e Carole Lombard. O realizador é Garson Kanin. Resultado: um êxito seguro

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Os IRMÃOS MARX vão deixar o CINEMA

Os irmãos Marx, cujo último filme, «Go West» (Os Marx no Far West), acaba de ser estreado em Hollywood, deverão começar, em princípios de Fevereiro, a sua nova produção para a Metro Goldwyn Mayer que terá por título «Step This Way», e que será, segundo se diz, o último filme que o trio famoso interpretará. De facto, segundo declarações feitas por Groucho Marx, o do charuto, o grupo, depois de muitos anos de colaboração tanto no palco como no Cinema, dissolver-se-á embora isso pese a muito boa gente.

Groucho será o intérprete, no teatro, em New York, duma comédia de Norman Krasna, que êle próprio montará. Harpo com Oscar Levant, fará uma tournée de pantomimas musicais, e Chico Marx, o dos tiros no piano, organizará e dirigirá uma orquestra de Jazz.



Harpo, Groucho e Chico Marx, três doidos por excelência

Voltaram a aparecer as WAMPA'S BABY STARS

Durante alguns anos — desde 1928 até há meia duzia de anos — que os chefes de publicidade das emprêsas produtoras americanas da Califórnia organizaram, entre as figurantes que mais aptidões mostravam, uma espécie de concurso em que eram escolhidas treze raparigas, cuja carreira, durante um ano, êles apadrinhavam e facilitavam. Eram as Wampa's Baby Stars, ou sejam as estrêlinhas da Wampa, uma palavra esquisita que não é mais que iniciais de Western Association of Motion Pictures Advertisers.

Agora, porém, essa tradição foi retomada. E, num banquete a que assistiram, como convidados de honra, várias vedetas de hoje, que foram antem simples Baby Stars — Janet Gaynor, Fay Wray, Sally Blane, Sally Eilers, Dolores del Rio, Joan Blondell — foram escolhidas as Wampa's Baby Stars de 1941. São elas: Lucie Carroll, Tonya Widrin, Patricia von Clive, Kay Leslie, Jayne Hafard, Marilyn Merrick, Lorraine Elliot, Lois Ranson, Joan Leslie, Peggy Diggins, Ella Bryan, Gay Parkes e Sheila Ryan.

Quem sabe quantas grandes vedetas sairão dêste naipe de lindíssimas raparigas. Quem sabe, também se entre elas não estarão as Colbert, as Shearer, as Dunne ou as Durbin de amanhã.

SABU vai ser o protagonista do "Livro da Selva" de KIPLING

Alexander Korda, que circunstâncias várias não permitiram a continuação da sua actividade cinematográfica à frente da London Filmes, assentou de novo arraiais em Hollywood.

É nos estúdios da United Artists — de que é um dos principais accionistas, mau grado as diligências que Samuel Goldwyn tem empregado para a aquisição da parte de que Korda é possuidor — que o realizador de Henrique VIII está trabalhando. Foi lá que se concluiram as filmagens do Ladrão de Bagdad» e se realizou há pouco «Lady Hamilton», de que Laurence Olivier e Vivien Leigh, os nossos hóspedes de há dias, interpretaram.

É ainda nos estúdios dos Artistas Unidos que vai ser iniciada a realização de THE JUNGLE BOOK, adaptação da obra de Rudgard Kipling sob a direcção de Zoltan Corda, o irmão de Alexander.

O «Livro da Selva», que como se sabe tem a Índia por quadro, será interpretado por Sabu, um indiano autêntico, que foi ajudante do cornaca dos elefantes do marajá de Misore, e trazido para a Europa por Flaherty.

Sabu, o criador do «Rapaz do Elefante», vai aparecer esta época no écran do Politeama, no Ladrão de Bagdad», que a Sonoro Filmes apresentará: Neste filme desempenhará a mesma personagem que o inesquecível Douglas criou na versão muda daquele filme.

SPENCER TRACY vai interpretar "O MÉDICO E O MONSTRO"

«O Médico e o Monstro» deve estar ainda na memória de todos. A história, cheia de interêsse e de emoção, da novela de Robert Louis Stevenson, de que Rouben Mamoulian fez um filme notável e em que Frederic March, no duplo papel de dr. Jekill e Mr. Hyde, tinha uma actuação de grande classe, vai agora, de novo, ser levada à tela.

É a Metro Goldwyn Mayer, depois de ter comprado à Paramount, por uma verdadeira fortuna, os seus direitos de adaptação cinematográfica, que vai produzir «Dr. Jekyll and Mr. Hyde».

Para protagonista dêste filme foi escolhido um dos seus mais categorizados actores — Spencer Tracy, que nele começará a trabalhar logo que a seqüência de «Homens de Amanhã» esteja concluída.

Um dos elementos de atracção do filme vai ser, sem dúvida, o inevitável confronto das duas interpretações — a de Tracy e a de March — sobretudo na personificação de Mr. Hyde, de que Frederic March, com o auxílio de notáveis caracterizadores, fez uma inesquecivel e impressionante criação.

«O Médico e o Monstro» está na lista dos filmes que, desde o advento do sonoro, mais lucros alcançaram.

O Elenco UNIVERSAL 1941

Na revista que temos estado a passar aos elencos das grandes companhias produtoras americanas, cabe agora a vez à Universal, a emprêsa que Joe Pasternack conseguiu elevar à importância que hoje disfruta, depois de mediocridade e de desorganização.

Eis aqui o grupo das suas estrêlas de primeira grandeza: Deanna Durbin, Marlene Dietrich, Brian Aherne, Bing Crosby, Gloria Jean, W. C. Fields, Mae West, os Irmãos Ritz, as Irmãs Andrews, que os discos de jazz têm celebrizado, Edgar Bergen, o famoso ventríloquo e o seu inseparável boneco Charlie Mac Carthy, Richard Arlen, Andy Devine, Baby Sandy, John Mac Brown, Hugh Herbert, Virginia Bruce, John Barrymore, Douglas Fairbanks Jor., Bob Burns, Margaret Sullavan, Victor Mac Laglen, Loretta Young, Sigrid Gurie, Franchot Tone, Broderick Crawford e Lupe Velez.

Ainda dêsse elenco, mas sem carácter de exclusivo, fazem parte também Irene Dunne, Charles Boyer, Fred Astaire e Rosalind Russell.

Entre os outros artistas, os chamados «feature players», estão Mischa Auer, Allan Jones, Joe Penner, Martha Raye, Irene Hervey, Robert Cummings, Margaret Lindsay, Vincent Price, Warren William, Tom Brown, Constance Moore, Nan Grey, Boris Karloff, Anne Nagel, Robert Stack, Sam S. Hinds, John Howard, Luli Deste, Hellen Parrish, John Sutton, Lewis Howard, Eugene Pallette, Barbara O'Neil, etc.

E agora a lista dos seus realizadores: Henry Koster, Frank Lloyd, Tay Garnett, Andrew Marton, Arthur Lubin, A. Edward Sutherland, Georg Robinson, Albert S. Rogell, Christy Cabanne, Frank Tutle, Allan Devan, Harold Schuster, Philip Rosen, William A. Seiter, Joe May, Lew Landers, Charles Lamont, Ottis Garrett, Paul Gerard Smith, Ray Taylor e George Marshall.

FITAS NA FORJA

- *COME LIVE WITH ME, com James Stewart, Hedy Lamarr, Veree Teasdale e Ian Hunter. Dirigida por Clarence Brown. Metro Goldwyn Mayer.*
- *HIGH SIERRA, com Ida Lufino, Humphrey Bogart, Alan Curtis, Arthur Kennedy, Joan Leslie, Henry Hull e Henry Travers. Direcção de Raoul Walsh. Warner Bros. (S. I. F.).*
- *THIS THING CALLED LOVE, com Rosalind Russell, Melvyn Douglas, Binnie Barnes, Allyn Joslyn, Gloria Dickson, Lee J. Cobb e Gloria Holden. Realizada por Alexandre Hall. Columbia. (Aliança Filmes).*

O que tem sido apesar da GUERRA a acção da RÁDIO-FILMES

Quando a actual guerra veio perturbar o panorama internacional, a actividade cinematográfica, como tôdas as outras, foi perturbada por um alarme natural.

Logo após, desanimaram uns fàcilmente e lançaram-se a fazer as mais negras profecias para o futuro do Cinema prevendo um interregno que o ameaçava. Mas outros, passados os primeiros momentos, lançadas as vistas com a perfeita noção das realidades, encararam com notável coragem a produção de filmes e, graças a êles, o Cinema, em tôda a parte, continua a singrar, cada vez mais merecedor de louros e de festas.

Entre as vozes que mais ousadamente se levantaram para combater o alarme que se pretendeu estabelecer nas fileiras do Cinema é justo que se destaque George J. Schaefer, o presidente da Rádio-Filmes, que levantou a sua voz com enérgicas palavras contra o péssimismo que tentava avassalar a indústria.

Dos próprios estranhos recebeu Schaefer merecidos elogios, ao pronunciar um famoso discurso em que, com uma energia notável, apesar das hostilidades que assolavam meia humanidade, tomou como estribilho — «Siga a função».

A verdade é que a «função» segue o seu curso, com cada vez maior concorrência de espectadores porque quanto mais sofredor está o mundo maior é a sua necessidade da mais popular e barata forma de diversão.

As guerras, cruéis e insólitas produzem fenómenos que por não terem fácil explicação não deixam de ser fenómenos curiosos.

Na China país assolado já há anos por uma guerra terrível, nunca esteve tão florescente a exibição de películas, embora o número de cinemas tenha diminuído bastante. E o que se passa na China repete-se por tôda a parte.

Em Hollywood a Rádio-Filmes sob o impulso benéfico do seu presidente Schaefer, que conta com a larga e sábia experiência, em assuntos de exportação do Vice-Presidente Phil Reisman, continua a produzir, e cada vez mais, fitas de grande categoria e contratando valores internacionais que estão no apogéu da sua carreira. Alberto Vila—o maior sucesso argentino dos últimos tempos; Signe Hans uma nova vedeta da Suécia; Michele Morgan a grande actriz francesa que o nosso público tanto admira, e muitos outros foram, já depois da guerra declarada, contratados para a R. K. O.

Uma simples lista de títulos das grandes produções que a Rádio-Filmes tem acabado ou em preparação consumiria colunas. Não queremos, contudo, deixar de falar, aqui, de algumas super-produções que a Rádio-Filmes vai brevemente apresentar ao nosso público.

«O Outro...» é a versão cinematográfica do impressionante drama «They Knew What They Wanted» escrito pelo grande dramaturgo Sidney Howard laureado com o «Prémio Pulitzer».



CAROLE LOMBARD, a extraordinária actriz da R. K. O. que veremos êste ano em três filmes

Produzido pelo grande Erich Pommer que escolheu para director Garson Kanin o mais jovem realizador de Hollywood é já um consagrado cheio de prestígio. À cabeça do «cast» surgem Carole Lombard, Charles Laughton e William Gargan.

A história é a dum rico vinhateiro de origem italiana que se enamora, à primeira vista, duma linda rapariga mas que, consciente da sua grotesca figura pretende segurá-la com o seu assistente que, apesar de muito consistente a seduz. Sensacional a todos os títulos.

«No, No Nanette» — vai apresentar-nos de novo a esplendorosa Anna Neagle na famosa comédia musical que deu no Teatro Globe de Nova-York 321 representações e 665 em Londres.

Mais bela que nunca e trajada com todo o luxo Anna Neagle vai mostrar-nos como se salva um tio das garras de três aventureiros e como resolve ela própria um caso amoroso em que se vê metida. Layn Pitts, Roland Young, Helen Broderick e a famosa bailarina Tamara que se estreia no Cinema, fazem parte do elenco.

«KITTY, a rapariga do colarinho branco — baseada na novela de Christopher Morley é uma revelação íntima da vida duma rapariga empregada duma oficina americana. Começa retrospectivamente com a depressão de 1929 e segue na visão do que foram aqueles anos inesquecíveis na vida americana. Kitty é interpretada pela grande Ginger Rogers numa criação que vai entusiasmar os cinéfilos portugueses.

Sam Wood realizador da «Cidadela» dirigiu êste filme e calcula-se como. A título de curiosidade queremos dizer aos nossos leitores que o livro de Christopher Morley tem páginas que encerram tantas revelações íntimas da psicologia feminina que até houve críticos que insinuaram ser uma mulher e não êle, quem escreveu o livro que é hoje um dos mais populares com uma circulação que ultrapassa um quarto de milhão.

«O Senhor e a Senhora Smith» — é uma deliciosa comédia em que Carole Lombard aparece pela primeira vez ao lado de Robert Montgomery, e encarregada de desvendar constantes embrulhadas matrimoniais que passam pela fita.

Gene Raymond, o marido de Jeannette Mac Donald, tem nesta fita um papel muito importante ao lado da loira Betty Compson que faz uma reaparição sensacional.

E, assim, sob uma temperatura de optimismo e bem-estar continua a R. K. O. Rádio-Filmes alargando a sua acção numa incansável busca de talento, de arte, de atmosfera, de assombrosas criações, no seu magnânimo empenho de não exibir senão O melhor entre o melhor.

PEDRO HOMEM

O clube e os novos

Muitos cinéfilos recém-conquistados pelo caleidoscópio do cinema — e só não o foram há mais tempo por culpa... da certidão de idade — escrevem-nos lamentando não poderem inscrever-se no «Clube do Animatógrafo», por não satisfazerem a condição fundamental: militarem nas fileiras cinéfilas há dez anos, pelo menos, desde o advento da sonoridade.

Compreenderão no entanto fàcilmente que não seria justo alterar a ideia basilar que presidiu à fundação do «Club» reünir a «velha guarda», os que nos apoiaram e incitaram nos «tempos heróicos».

Mas não julguem que os afastamos do nosso convívio. Procuramos apenas a melhor forma de o fazer. «Animatógrafo» não tem por hábito lançar iniciativas à tôa, a ver se pegam. Por isso estuda um agrupamento que possa reünir os recém-chegados, os «caloiros» — que contam, desde já, com tôda a sua simpatia. E, logo que julgue descoberta uma fórmula original e interessante, apta a satisfazer aspirações legítimas, apressar-se-á a comunicá-la.

Também nos reclamam os inscritos no «Clube do Animatógrafo» a criação dum «cartão de identidade», que lhes sirva de diploma e de sinal. Êsse, tê-lo-ão ràpidamente, pois já estamos estudando o seu modêlo.

Por agora, o mais importante é instigar os vossos amigos, reconhecidamente cinéfilos, a inscreverem-se também, para que o «Clube» seja alguma coisa mais do que uma assembia dispersa de saüdosistas.

CARTAS DUM CINÉFILO

Grande director:

Fui com o meu pai — que já está mais sossegado — ver a fita do São Luiz. Eu e êle ficámos entusiasmados, mas mais eu que êle. O meu pai apreciou apenas como espectador e eu admirei a fita como técnico.

Que grande fita. Aquilo não é uma «Rebecca» é um Rabecão! Leva quási duas horas a passar.

Considerei êste filme o melhor do ano. Se quiser pode aproveitar esta minha opinião para a taça, que eu autorizo. Os críticos americanos também são da minha opinião, pelo que li nos jornais. Por estas e por outras é que se vê que eu percebo disto. Conforme nasci em Portugal se tenho nascido na América, hoje seria um génio da Cinematografia. Assim, não passo dum sonhador. E o que acontece comigo acontece com muitos outros. Se os nossos realizadores têm nascido na América não tinham feito as fitas que fizeram. Que azar o nosso êles não terem nascido na América!

Queria pedir-lhe um favor. Se me fazia também crítico do seu jornal. Pode ter confiança em mim que eu serei imparcial e juro-lhe que não pertenço a nenhuma casa distribuidora. Além disso tenho andado a praticar cá em casa. Escrevo críticas de tôdas as fitas que vou ver. E estou a especializar-me nas críticas em comprimidos, como faz um senhor chamado A. L. num diário da manhã. Aquilo é difícil. Em meia dúzia de linhas ter que dizer nada, não é para todos.

Leia esta crítica minha no género das do sr. A. L. e veja se não está bem:

«O cinema tal estreou êste filme, muito interessante no desenvolvimento da história, que é conduzida com naturalidade pelo realizador, servido por uma excelente fotografia. Do princípio ao fim o argumento prende a atenção do espectador que segue com crescente interêsse o desenrolar da anedota, que no final atinge uma grande intensidade. A interpretação é do melhor que temos visto e os complementos, entre os quais há uma fita de reclamos, são interessantes».

Está ou não está bem? Se na secção da «Feira das Fitas» quiser publicar esta crítica eu ficaria muito satisfeito. Pode aproveitá-la para os filmes que se estrearam: «Tôrre de Londres», «Promessa de Pagamento», ou «Tufão». É só pôr-lhe à entrada o nome do cinema e da fita. Por favor no fim não se esquecer de pôr as minhas iniciais, não vão julgar que é do sr. A. L.

Sem mais receba um abraço meu e outro do meu pai, que me anda a dizer que gostava de o conhecer pesoalmente.

Ignácio da Purificação

VIDA CORPORATIVA

Ainda os CURSOS

A Delegação no Norte do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, cuja acção a favor dos trabalhadores cinematográficos nortenhos é notória, comunicou à Direcção, por intermédio do sr. Emídio Alfredo Pimenta, que veio expressamente a Lisboa, algumas dúvidas que a recente inauguração dos Cursos Profissionais lhes sugeriu.

Pede-nos a mesma direcção que aproveitemos a difusão do nosso jornal nos meios profissionais para se darem as explicações necessárias.

Para maior clareza, adoptaremos a forma de questionário, com preguntas e respostas:

P. — *A que se destinam os cursos inaugurados?*

R. — Ao aperfeiçoamento, por meio de lições teóricas e práticas, dos projeccionistas já encartados que nêles se matriculem, e à formação de novos projeccionistas que tenham uma preparação superior aos existentes.

P. — *A criação de novos projeccionistas é necessária?*

R. — Ninguém é eterno. Torna-se portanto necessário preparar o futuro, por mais que isso pese aos exclusivistas, aos que fazem caixinha da sua ciência infusa.

P. — *Os novos projeccionistas criados pelo curso não irão fazer concorrência aos já existentes, e que não têm culpa de que não existisse qualquer curso que os habilitasse?*

R. — A actual direcção do Sindicato tem horror àquilo a que chama «fabricar desempregados». Os cursos são portanto e exclusivamente *de habilitação*. No fim do curso, os que forem aprovados não têm, por isso, direito automático à *Carteira Profissional* (único documento que assegura o livre exercício da profissão) mas sim a um *Diploma de Curso*. A Carteira só lhes será concedida quando houver uma vaga para onde possam entrar.

P. — *Que vantagem dá então o curso?*

R. — A garantia de que, nas referidas vagas, só podem entrar aqueles que já tiverem carteira e estejam desempregados quando a vaga se verifique, ou os que tiverem Diploma de Curso do Sindicato.

P. — *Que vantagens têm então os projeccionistas que já têm carteira Profissional em freqüentar o Curso?*

R. — Primeiro, aprenderem o que não sabem, o que não lhes faz senão bem. Depois, os projeccionistas que tiverem, conjuntamente, Carteira anterior a 1940 e Diploma de Curso, preferem, de futuro, nas vagas que se registem, aos que só tiverem um ou outro documento.

P. — *Se o Curso, actualmente, só funciona em Lisboa, como podem freqüentá-lo os projeccionistas da província?*

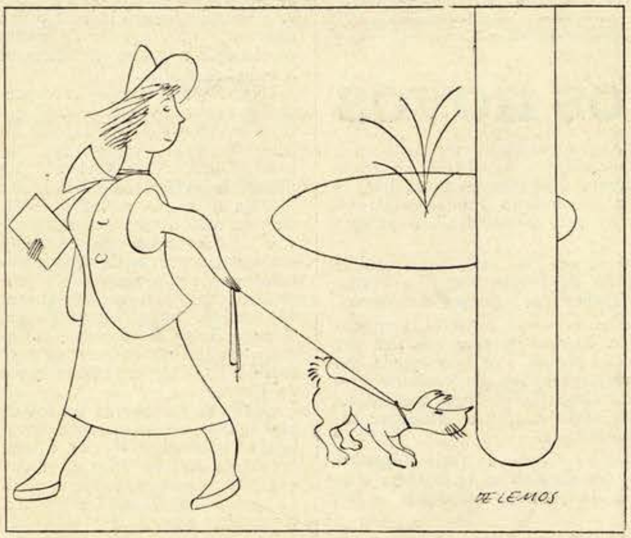
R. — É evidente que não é possível pôr um curso a funcionar em cada terra onde há cinema, nem mesmo em cada capital de distrito. Mas vai inaugurar-se brevemente um Curso de Projeccionistas no Pôrto, idêntico ao de Lisboa, e exactamente com a mesma capacidade de passar Diplomas, isto é, de habilitar projeccionistas, já encartados ou não. Também só há Faculdade de Direito em Lisboa e Coimbra, e nem por isso deixa de haver advogados portuenses.

P. — *As actuais Comissões Técnicas deixam de exercer as funções que exercem?*

R. — Preveniu-se, a tempo e horas, que só se fariam exames aos projeccionistas dos distritos de Lisboa e do Pôrto até ao fim de 1940. No decorrer dêsse mesmo ano, em muitos outros distritos do Norte e do Sul as respectivas Comissões Técnicas examinaram dezenas de projeccionistas. De hoje em diante, além de ser a essas Comissões Técnicas que compete a organização e a direcção dos Cursos, continuarão elas a examinar aqueles que, habitando fora dos distritos de Lisboa e Pôrto e não tendo sido examinados até aqui, requeiram exame até ao fim de Fevereiro de 1941, ou já tenham metido requerimento. Além disso, compete-lhes colaborar com a direcção na solução dos problemas técnicos, e fiscalizar o exercício da profissão de projeccionista.

Muito mais se poderia dizer, mas, por hoje, chega.

TÍTULOS ILUSTRADOS



«O OUTRO»

Má Língua

— Uma boa notícia: A nova produção de Brunius von Ecke «The Wolves of the Mountains», sempre se realiza e já começaram os trabalhos de montagem das decorações. No «plateau» da «Unic Filmes» já instalaram uma azenha, onde serão filmadas algumas das principais cenas.

— Em virtude do êxito obtido pelo filme «Rebecca, a mulher eterna», vai fazer-se uma nova versão. O papel de Rebecca, que morre afogada antes da fita começar, será interpretado por Manola Pretty.

— Até à hora de fechar esta secção continua assente que se realizará o filme «The Wolves of the Mountains». A protagonista Mary Sundays, cantará entre outros números, em cenário mandado construir propositadamente, o célebre fado da Azenha, que começa assim: «Foi numa azenha vèlhinha...»

— Um conhecido realizador elaborou vários argumentos: cómico, dramático, popular, musical e policial, com os quais espera convencer os produtores. Com aquele sistema, que não deixa de ser prático, nenhum capitalista poderá recursar-se a financiar um filme, pois está pronto o argumento da sua preferência. Sabemos, no entanto, que alguns capitalistas estão na disposição de dizer que saíram e não sabem quando voltam e outros alegar que se o realizador tem vindo uns dias atrás era garantido, pois na véspera ainda tinham uns contos disponíveis que desviaram para outro negócio.

O HOMEM SOMBRA

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» (S. I. F.)
— Por ter atingido, no Politeama, a 5.ª semana de exibição.

«A TÔRRE DE LONDRES» (Filmes Alcântara)
— A planificação de ROBERT N. LEE, por conseguir pôr ao alcance de todos os públicos um dos períodos mais confusos da história de Inglaterra.
— A interpretação de VINCENT PRICE (Duque de Clarence) na cena do vinho.

«DESCOBRI A TESTEMUNHA» (Filmes Castelo Lopes)
— A presença e o à-vontade de CHARLES KIGHLEY (O Repórter), um excelente galã.

«PROMESSA DE PAGAMENTO» (Filmes Castelo Lopes)
— O interêsse das seqüências iniciais, conseguido pela planificação de D. MAC CALL e a realização de ROSS LEDERMAN.
— As interpretações de CHESTER MORRIS (Eddie Larry) e THOMAS MITCHELL (O Advogado).

«PUNIÇÃO» (Filmes Castelo Lopes)
— O vigor da direcção de JOSEPH VON STERNBERG.
— As criações de PÉTER LORRE (Raskolnikov) e EDWARD ARNOLD (O Chefe da Polícia).

PUNIÇÃO

(Crime and Punishment)

Essa página sombria, mas empolgante, êsse drama forte em que uma ideia de clemência desculpa a miséria dos desgraçados, que é a famosa obra de Dostoyewsky, «Crime e castigo», tem sempre actualidade. Já não é a primeira vez que é trazido para o cinema e sempre resulta espectáculo de densa projecção psicológica, oportuno e curioso.

A nova versão do violento romance tem para nós o interêsse especial da comparação do trabalho de Peter Lorre com o de Pierre Blanchar.

Êste interpretou a personagem principal naquela obra forte que vimos há anos no Central, dirigida por Pierre Chenal, que então se revelara um dos mais sólidos talentos do cinema francês. O actor alemão serviu-se de outros processos para erguer a sinistra figura do estudante Raskolnikow que, em desesperada situação financeira mata à machadada uma velha usurária e a irmã desta. Pierre Blanchar dera ao papel maior agudeza e maior intenção intelectual. Consagrara-se ao estudo profundo do carácter do protagonista, integrando-se na acção do filme que se desenvolvia em cuidadosa reconstituição da época.

Peter Lorre, por sua vez, numa criação que não deixa de ser deveras brilhante, apresenta por formas mais acessíveis, mais «próximas do público», o retrato vivo dessa alma alucinada pelo remorso.

A sua criação está de acôrdo com a direcção de Joseph von Sternberg que procura, todavia, conservar todo o intenso poder psicológico, a agitação dêsse drama de consciência, sombrio e eterno.

Nos demais intérpretes, temos Edward Arnold, grande actor de sempre; e Marian Marsh e Tala Birell. — A. F.

DESCOBRI A TESTEMUNHA

(I Find the Witness).

Esta despretenciosa fita policial, complemento de *Promessa de Pagamento*, assente num burlesco episódio aliás muito bem contado e resolvido, apresenta-nos mais uma vez Charles Quigley, galã americano, feito no pau desportivo e audacioso, já conhecido; bom actor, sóbrio e com uma presença optimista invulgar. Rosalind Keithel secunda-o com valor. — F. G.

PROMESSA DE PAGAMENTO

(I Promise to Pay)

O Cinema americano tem sido fértil em histórias de acção de bandidos, explorando os mais variados ambientes e solucionadas de tôdas as maneiras. Dentre tantas fitas do género muitas não têm tido novidade, cheias de situações conhecidas, encenadas com o que poderíamos chamar os lugares-comuns cinematográficos. Mas a par destas, volta e meia, surgem outras que nos espantam, nos «agarram» e nos provocam por fim uma pregunta de admiração: «como é ainda possível arranjar assunto original em casas tão estafadas?»

A *Promessa de pagamento* não se ajusta pròpriamente o segundo caso porque a ideia-base do filme — uma poderosa organização de «gangsters» que explora o negócio de empréstimo com juros elevadíssimos — não é o que se chama uma ideia nova. Mas a planificação de D. Mac Call e a realização de Ross Lederman foram de tal maneira sábias que deram à primeira parte do filme um invulgar interêsse. Para isto contribuiu, também, equilíbrio da interpretação em que, no entanto, é justo destacar Chester Morris com a sua enérgica personalidade e Thomas Mitchell numa passagem fugaz mas notável.

Curiosa a encenação do discurso do advogado (Thomas Mitchell) no tribunal, com aquelas panorâmicas que o seguem rendo a sala de lado a lado.

O final, talvez, por excessivamente preparado, é o mais fraco do filme. As legendas portuguesas são lamentáveis. — F. G.

A TORRE DE LONDRES

(Tower of London)

Um problema, para qualquer realizador, por mais experiente, a realização dum filme histórico. E não só para o realizador. Argumentista, planificador, cenógrafos, intérpretes, todos assumem aquilo a que é uso chamar «pesadas responsabilidades». Porque não há nada mais susceptível de crítica fácil (que é, de longe, a mais perigosa) que um filme histórico.

O argumentista tem os historiadores à perna. O planificador precisa de tornar clara, evidente, a sucessão de cenas, que *nunca* é possível encadear sem facadinha na cronologia. O cenógrafo, além dum trabalho exaustivo de investigação (auxiliado na América, é certo, por departamentos especializados), nunca consegue a aprovação dos arqueólogos (e muito menos, se forem portugueses...). Os intérpretes debatem-se com dilemas agudíssimos: dar naturalidade ou ênfase às personagens? Banalizá-las ou empolá-las? Dar à história um ar vivido ou dar à vida um ar *histórico?...*

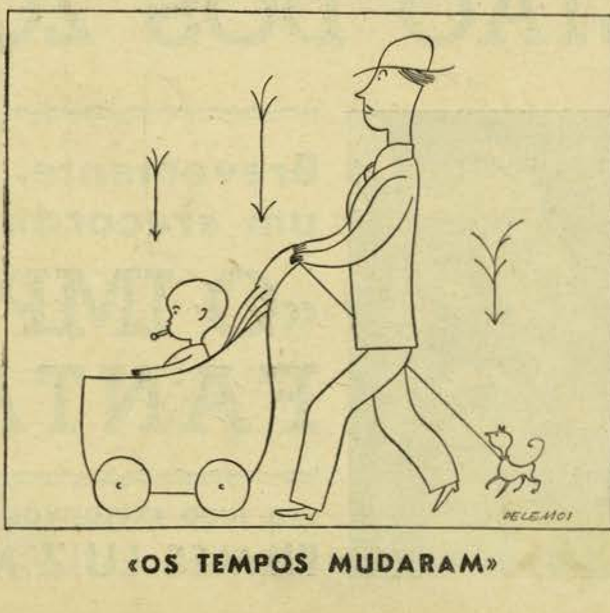
Por isso, há que louvar os técnicos e artistas da Universal que realizaram «A Tôrre de Londres».

O realizador, Rowland V. Lee, foi consciencioso e hábil na reconstituição, sem diminuir as condições de agrado público. O argumentista e planificador, Robert N. Lee, conseguiu tornar inteligível a todos os públicos uma das mais embrulhadas épocas da Inglaterra medieval.

É verdade (cá está a crítica fácil, de quem tem em casa uns compendiozinhos...) que o fim dos Plantagenetas não foi tão simples, nem o pobre Henrique IV andou naquelas andanças. Mas o próprio S[illegible]
todos aq[illegible]
te, ao sa[illegible]
lhosos do[illegible]

Os cen[illegible]
(o *art* [illegible]
Deanna [illegible]
man, con[illegible]
não falta[illegible]
to nem [illegible]
Os intér[illegible]
também [illegible]
excessiv[illegible]
História.[illegible]
Rathbo[illegible]
que o t[illegible]
sar-da [illegible]
celente [illegible]
caviloso [illegible]
(o Ric[illegible]
Robin [illegible]
muito [illegible]
de Edu[illegible]
present[illegible]
na do [illegible]
merece[illegible]

TÍTULOS ILUSTRADOS



«OS TEMPOS MUDARAM»

FILMES
LUIZ MACHADO, L.DA



especializou-se num dos géneros mais cinematográficos e que mais público atraiem:

OS FILMES EM SÉRIES

Já estreados com GRANDE ÊXITO e em distribuïção:

«A SEITA DO CÍRCULO VERMELHO»

«A ILHA SELVAGEM»

«O TORPEDO FANTASMA»

«A CAVERNA DOS DEMONIOS NEGROS»

«A VINGANÇA DO FANTASMA»

E o último GRANDE ASSOMBRO de Aventura e Emoção

«A LEGIÃO DOS ZORROS»



Brevemente, um «record» de interêsse:

«O IMPÉRIO DO FANTASMA»

SÃO TUDO EXCLUSIVOS DE

FILMES LUIZ MACHADO, L.DA

O Correio de Bel Tenebroso

Dado o elevadíssimo número de cartas que tem recebido, BEL TENEBROSO vê-se forçado a reduzir, de futuro, o espaço que dedica a cada leitor, para poder responder mais prontamente. Mas, dentro de poucas semanas (e aqui está uma notícia que compensa a anterior) sairá um suplemento com várias páginas dedicadas exclusivamente ao Correio dos Leitores. Esperem pois — e não desesperem...

ZULEIKO. — Podes escrever a Merle Oberon, «sem receio de *parecer mal*», para United Artists Studios, 1040 Formosa Avenue, Hollyood, Califórnia. Se gostaste dela em *O divórcio de Lady* X adorá-la-ás em *O Monte dos Vendavais*, onde tem uma criação assombrosa. — Acompanharei, com o maior interêsse, os programas de Aveiro. Dum modo geral, tenho sempre a curiosidade de saber o que é que a Província vai vendo. — Recebi já notícias de *Rainha Farida*, que muito apreciei.

BEL, O PIRATA. — Arranjaste agora um papel côr de rosa, que é um mimo! — Gostaste, então, de *João Ratão*. É, justo, pois o filme tem muitas qualidades e fica como um dos melhores, que se têm produzido, entre nós. — Então Évora vai ter outro cinema? Verás, como, depois, com a concorrência, terás aí melhores programas. — Êste leitor espera que *Uma Garota Sem Importância* acêda a corresponder-se com êle e aguarda resposta da carta que escreveu a *Náná*, à data da suspensão de *Cine-Jornal*.

SERRANO. — Viva, *Serrano* amigo! Lembro-me perfeitamente de ti. Porque motivo queres alterar o teu pseudónimo tão simpático e tão português? — *O Monte dos Vendavais* é, fora de dúvida, um dos melhores filmes do ano, sob o ponto de vista técnico e artístico. Além disso, tem um enorme interêsse, como espectáculo. Se não viste, não o percas. É um dos tais filmes que nenhum cinéfilo consciente pode deixar de ver. — De Deanna Durbin, além de *O Primeiro Amor de Gata Borralheira*, veremos possìvelmente *It's a date*. — Retribuímos os teus afectuosos cumprimentos. Até à próxima.

ETERNO GAROTO. — Folgo por que *Animatógrafo* te vá agradando, cada vez mais. Transmiti ao Director, o teu brado de presente. Contaremos contigo!

LOVE DICK. — Muito grato pelas tuas boas palavras. Tenho muito prazer em conversar, de novo, contigo. — Ignoro o paradeiro de *Uma loira que nunca amou*. Se calhar, resolveu desmentir o pseudónimo, e, agora, está presente sob outro nome — Vv. aí no Pôrto estão com sorte. Vão vendo certos filmes (alguns dos melhores até) antes de Lisboa. Deixa-me dizer-te, sinceramente, que acho justo e que me regozijo por assim suceder. No Pôrto, há «afficcion», como se diz em linguagem desportiva. — Transmito a *Princesa dos Diabretes*, as tuas mais sinceras saüdações.

CONDE MISTERIOSO. — *A Lei Sagrada* é, por certo, um bom filme. Teve aqui em Lisboa um êxito muito lisongeiro. As tuas considerações são judiciosas. E, por outro lado, compreendo, perfeitamente, o que me dizes quanto às personagens secundárias! Por vezes, de facto, têm mais interêsse do que os papéis centrais. — Transmito a *Rapaz de Algarça*, teu «samideano» (o esperanto sempre é muito arrevezado) as tuas saudações, por seres, como êle, um entusiasta dessa língua. — A Ginger, em *Sombras da Rua* aparece-nos, sob um aspecto desfavorável, no que diz respeito à sua beleza. Mas não ao ponto de dizer como tu, que ela lembra as fadistas da Mouraria... Tu nunca as viste, pela certa, Conde amigo...

REY... SEM TRONO. — Continuamos a perder tempo e feitio querendo penetrar nos segrêdos da minha identidade. Falhaste, em absoluto, os juizos. — A lista de todos os filmes portugueses abrangeria, pela certa, uma página do *Animatógrafo*. De resto, o cinema nacional será oportunamente objecto dum estudo retrospectivo. É por isso que não acedo ao teu desejo. — As principais revistas cinematográficas brasileiras são *Cinearte* e *Cena Muda*. — «Quantos filmes se fariam com o dinheiro que os países em luta gastam com a guerra?» Aí está uma pregunta bicuda... No entanto, podes estar certo de que o dinheiro que custam meia dúzia de torpedos aéreos, dava, só por si, para fazer dois ou três filmes nacionais. Partindo dêstes números, fácil será calcular o resto...

RAFLES. — Folgo por que Coimbra esteja «à la page», em matéria cinematográfica. Pelo que me dizes estás vendo excelentes filmes, quási imediatamente a seguir a Lisboa e Pôrto, o que aliás é de justiça. Escreve às vedetas de *Pôrto de Abrigo*, por intermédio de *Animatógrafo*, que dá aos seus leitores a vantagem de servir de intermediário entre êles e todos os artistas portugueses. — Cumprimento, em teu nome, conforme pedes *I love Shirley Temple*, *Hércules* e *Eterna Gaiota*.

BOB TAYLOR. — A maior parte dêsses artigos das revistas americanas sôbre os devaneios sentimentais das vedetas, estão impregnados duma dose de fantasia directamente proporcional à imaginação e à audácia dos profissionais que os subscrevem... — Quanto à tua sugestão sôbre a Escola de Cinema, ainda há dias, num dos números de *Animatógrafo*, se focava o problema e se dizia o que pensavamos. É cêdo ainda, ou tarde demais...

OSWALDO DE SÁ.—Não encontrarás em Lisboa o manual de cinematografia que te interessa. No entanto, qualquer boa livraria o poderá mandar vir. Pregunta na Portugália (frente às escadinhas de Santa Justa). — Nem sempre é possível manter os títulos originais dos filmes estrangeiros, na sua versão portuguesa. O caso de *M. Smith vai para Washington* é um dêles. No entanto, eu penso como tu: sempre que fôsse possível, só havia vantagem em traduzir tanto quanto possível o título original. Hoje, há já uma tendência nítida para o aproveitamento das legendas de abertura, originais. Vide caso de *Rebecca*, por exemplo.

ÁS DE COPAS. — Cá ficas inscrito na lista dos meus consulentes e na relação adjunta dos meus amigos e leitores... *Ás de copas*, que pelo nome não perde, desejaria trocar correspondência com *Benjamina*, *Marília* e *Fotogénica*, e esperava que elas sejam as primeiras a iniciá-la. — A tua sugestão dum emblema para ser usado pelos leitores de *Animatógrafo*, se não é cem por cento viável, é pelo menos graciosa e pitoresca. Seja como fôr, transmiti-a ao director da revista.

D'ARTAGNAN. — Como já deves ter visto, optei por o pseudónimo que abre estas linhas. Mas se preferires o de «Fausto», não tens mais do que dizer-me. Só há vantagem em os leitores se fixarem num pseudónimo único, que se não pareça com os outros vindos a lume. Poupam-se assim confusões, sempre maçadoras. — Escreve à Judy Garland e ao Mickey Rooney, para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Não me parece fácil corresponderes-te com o Mickey Rooney. Êle não deve ter tempo, nem para escrever cartas de amor!...

RO-BER-TO. — Que pseudónimo tão... hesitante... É para respirar fundo, entre cada sílaba?!... — Maria da Graça a graciosa intérprete de *Pôrto de Abrigo*, só como vedeta dum filme te deverá interessar. Não estou autorizado a revelar o que me pedes. No entanto, não desanimes... — Podes escrever-me quantas vezes entenderes. Com o maior prazer te responderei.

ROBIN. — Escolhi êste pseudónimo, dentro dos que sujeitaste à minha apreciação. Que te parece? — Compreendo perfeitamente o teu amor ao Cinema, a Arte mais bela e expressiva do nossso século. — Olavo de Eça Leal não faz parte da redacção de *Animatógrafo*. — A temporada 1940-1941 é, de facto, das mais brilhantes que temos tido! — Até à próxima, Robin amigo!

VÍTOR JANEIRO PINTO. — Claro que podes assinar *Animatógrafo*, mesmo estando fora de Lisboa. São os leitores da província os que mais vantagens têm em ser assinantes.

ANDY HARDY. — Acho o teu pseudónimo muito sujestivo e cem por cento «Mickey Rooney», com quem aliás dizes ter uma semelhança flagrante. — Ilona Massey é a principal figura feminina de *Balalaika*, que tem Nelson Eddy como protagonista. — Podes escrever mais vezes, que te não apodarei de aborrecido!

Bel-Tenebroso

O REFERENDUM DOS RETRATOS

Esta semana, DOROTHY LAMOUR e CLARK GABLE são os vencedores

Cada vez mais senhas de votos, cada vez mais votados e até, as senhas com os pares mais sensacionais. Por exemplo: tem-nos aparecido a Maria Domingas ao lado do Boris Karloff, Silvia Sidney emparceirada com o Bucha ou com o Estica, etc. Mas também não faltam os pares românticos e os pares autênticos como Carole e Clark Gable.

No fim de tudo apurado, os resultados desta semana são os seguintes:

Actrizes	Actores
1—DOROTHY LAMOUR.	1—CLARK GABLE.
2—MIRNA LOY.	2—ROBERT STACK.
3—MARIA DA GRAÇA.	3—SPENCER TRACY.
4—DEANNA DURBIN.	4—MICKEY ROONEY.
5—GRETA GARBO.	5—WILLIAM POWELL.
6—DANIELE DARRIEUX.	6—MELVYN DOUGLAS.
7—ELEANOR POWELL.	7—CARY GRANT.
8—JEANETTE MAC DONALD.	8—ÓSCAR DE LEMOS.
9—BETTY GRABLE.	9—RICHARD GREENE.
10—JOAN BENNETT.	10—ROBERT DONAT.

Alguns leitores escrevem-nos preocupados com o facto de não poderem aproveitar os dois retratos. Não se preocupem. A seu tempo «Animatógrafo» editará um álbum especial em que poderão ser coleccionadas as fotografias, visíveis dum lado e doutro. Achamos esta solução melhor para o público do que editar em cada semana um só retrato com as costas em branco, como alguns leitores nos sugeriram.

Queremos também lembrar aos leitores de «Animatógrafo» que escusam de gastar constantemente selos de $40 para nos enviarem as senhas de voto. Podem vir numa simples carta aberta, ou, se temerem que a senha se perca, colada num bilhete postal.

De qualquer maneira, entreguem pessoalmente, por carta ou por postal — a prova continua. Venham votos!

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo os retratos seguintes:

Actriz: ....

IN MEMORIAM DE LEOPOLDO O'DONNELL

(Conclusão da pág. central)

semelhantes, iguais e sem distinção.

No Olímpia se iniciaram as «matinées» diárias — uma autêntica temeridade naquela época!

Fizeram-se as chamadas «Matinées Blanches», reünião semanal de tôda a Lisboa elegante dêsse tempo.

«Matinées» inolvidáveis, como nunca mais se voltaram a organizar!

Um sexteto notável: o Nicolino Milano — o João Passos — o Bonet — o Júlio Ceia — os Irmãos Pastranas — e o impossível João António, com o seu contrabaixo...

Nomes ilustres da cena portuguesa, unimando com os seus números soltos os intervalos — o Augusto Melo — o Amarante — o Erico — A grande cantora Carla Cenami — artistas de variedades — e até António Ferro — o felicíssimo criador dêsse organismo formidável que tem dado a conhecer Portugal aos estrangeiros e até... aos portugueses!

Pois, até António Ferro, que ao tempo ensaiava os seus primeiros vôos literários, ali fez, numa dessas lindas matinées, uma conferência notável: «As Grandes Trágicas do Cinema» — Bertini, Pina Menichelli e Lida Borelli...

Não resistem as minhas recordações, a desvendar um ponto interessante dessa conferência.

Um ponto quási anedótico, mas absolutamente verídico.

A todos que colaboravam nesses espectáculos, era da praxe — oferecer uma pequena lembrança... Às senhoras flôres, aos homens — uma cigarreira.

Para António Ferro, também lhe estava reservada a infalível cigarreira.

Mas, quando estudavamos a forma dela lhe ser entregue, repara Leopoldo O'Donnell que Ferro tinha já uma cigarreira — e por sinal muito mais linda do que aquela que lhe devia ser ofertada.

Pânico!

Susto!

Que se lhe vai dar?

Leopoldo O'Donnell, para sair airosamente do apuro volta-se para mim, e diz-me, com o melhor de todos os sorrisos, e, com a maior das tranqüilidades...

— O rapaz está a acabar, e, eu... vou tomar uma cerveja...

— Mas que lhe vamos dar?

— Olha: dá-lhe um apêrto de mão!... E saiu do Olímpia todo satisfeito com o «achado» deixando-me entupido e atrapalhadíssimo...

Pois foi tudo o que António Ferro mereceu como prémio do seu excelente labor:

— Um apêrto de mão! E «um muito obrigado!»

Que o Director do S. P. N. me perdôe a indiscrição! Mas ela era precisa para dar a conhecer o espírito vivo e desembaraçado dêsse Homem para quem não havia dificuldades e que sabia resolver tudo num momento...

As festas no Olímpia sucediam-se. Havia a febre da «novidade».

Quando voltará a realizar-se uma festa semelhante à que foi realizada a favor da Sôpa dos Pobres, e que teve a honrosa assistência do malogrado Presidente dr. Sidónio Pais?

No Olímpia se exibiram os primeiros filmes portugueses — «O Frei Bonifácio», «A Rosa do Adro», «O Condenado», de Afonso Gaspar.

Para o «Condenado» foi o átrio do Olímpia transformado numa aldeia, com a sua ponte, o seu riacho — autêntico, com água e tudo.

O primeiro grande filme de séries «Os Mistérios de Nova York», foi um dos êxitos mais salientes do Olímpia.

E a propaganda intensa, formidável, feita para «Barrabás»? Quem não trauteou — até em assobio — o «Fox» famoso que Júlio Almada compôs, que Baltazar Rodrigues ilustrou e que eu editei?

Venderam-se 18.000 exemplares! Até a casa «Gaumont» comprou a música feita para o Olímpia e criada no Olímpia!

Baltazar Rodrigues — o grande cenógrafo do momento — amigo como irmão — companheiro de sempre — criou o seu nome pintando cartazes famosos que eram expostos no Rossio, numa grande tabuleta, onde hoje está a Leitaria do Passo.

Eu, lá me fiz gente! Os conselhos, e as descomposturas que levei do O'Donnell, que hoje tanto lhe agradeço, lançaram-me neste sarilho cinematográfico; e graças a êle vou pesando alguma coisa disto...

O'Donnell não morreu — a sua memória ficará eterna!

O Olímpia, façam lá o que fizerem, há-de ter sempre no seu «ecran» a sua cara sorridente, o seu bigode atrevido — a sua afabilidade — o seu coração!

Há-de ser sempre: o «Olímpia do sr. O'Donnell!»

E se as Santas de Portugal puderem, lá no Céu, guardar a sua alma, a uma d'Elas — uma que se venera num cantinho delicioso da nossa Terra, no alto do montinho do Castelo da Maia — eu, peço, com o mesmo fervor e esperança, com que há tempos lhe pedi as melhoras de «alguem» que muito me é querido, que fique em paz e sossêgo a alma daquele Grande do Cinema e da Bondade!

A comoção e as lágrimas da saüdade nada mais me permite escrever...

Você desculpe, caro Lopes Ribeiro, se não era isto que de mim queria.

Não sei fazer melhor. Perdoe-me.

Afectuosamente o abraça

JOSÉ FIGUEIROA

OS TRÊS MOSQUETEIROS

(Conclusão da página 9)

V. já recebeu cheias de palavras acalentadoras de esperanças futuras — se é que as presentes não tem — e de... quási que ia a dizer: romantismo — incitamento. Ora, V. fará o favor — o primeiro, pois, o segundo lá irá — de juntar tôdas essas cartas, baralhá-las de forma a que possa ganhar em jôgo de azar, fixar delas a que mais a sensibilizou e dizer: êste solteirão foi meu parceiro no jôgo e ganhámos; disse mais do que os outros todos e ainda... um ano 1941 cheio de juventude, graça, leveza, prosperidade, gentileza, felicidade, cinema, trabalho, saúde, «chance» e — quem o não sonha? — um moço todo catita que a deixe pôr baton, rouge e a acompanhe ao Tivoli a mirar a graça na graça e... de graça da Maria da Graça.

Um momento: falta o segundo favor. Peço-lhe me dê um sorriso fotográfico e ficará grato o

GUSTAVO MIRANDA (ARAMIS)

Anadia, 31-XII-940.

Em defesa dos COMPLEMENTOS

(Conclusão da pág. 7)

perseguição ao veados da tapada de Mafra...

Curiosidades? As quedas de água do Lindoso, as cataratas que põem têrmo à navegação abaixo de Serpa, uma descida às misteriosas crateras dos Açôres, ilhas em cujo sub-solo há abóbadas de oitenta metros de altura e lagôas remançosas que poucos atrevidos viram...

Mas querem apenas o filme-fantasia, a obrazinha pensada e escrita só para o cinema? Que esplêndida escola para realizadores e artistas! E o público — estamos certos — não diria que não a essas provas de exame onde haveria mocidade e até beleza!

O público não diria que não — mas então quem é que diz?

★

Ninguém, porque ninguém, até à data, pensou no assunto.

E, no entanto, senhores exibidores não haveria possibilidades de estudar e de pôr de pé o espectáculo de filmes curtos? não pròpriamente o espectáculo curto — entendamo-nos — mas sim o de filmes de uma, duas, três ou cinco bobines.

Ah! ainda vivemos agarrados à rotina, ao «o público não quere» sem se saber se quere ou não, e continuamos levados pela maré que sobe ou que baixa, porque sem ela ficaríamos onde estávamos.

Onde está a iniciativa particular — que deve aparecer para merecermos a iniciativa do Estado? É por não queremos dar um passo em frente que suportamos as estafadas revistas com música sempre igual, inspiração sempre igual, com o eterno polícia, a menina que passa e os bigodes do «compère».

A rotina esmaga-nos.

Reconhecida, porém, a utilidade da confecção e da apresentação de filmes curtos, é muito possível que alguém estude e queira abalançar-se a formar com êles curiosos espectáculos de cinema. A não ser que Portugal, neste campo, se considere inferior à Suíça, à Bélgica, à Finlândia ou à Lituânia — para só falar de países pequenos e que os exploravam, com notório lucro até ao começo da guerra.

MOTA DA COSTA

LUCILLE BALL

A fama das «girls» de Ziegfeld, cobria todo o continente americano e espalhara-se até o Velho Mundo. Esses grupos perturbadores de jóvens e elegantes mulheres, de beleza escultural que emissários do prestigioso empresário, correndo incessantemente os 49 Estados da União traziam até ao seu escritório da Rua 42, ficaram na história do teatro ligeiro dos Estados Unidos. Os seus faustosos espectáculos que custavam fortunas e rendiam milhões eram, em boa verdade, grandes festivais de glorificação da beleza femenina americana.

Lucille Ball aos 16 anos era uma Ziegfeld Girl. Em «Rio Rita», na sala famosa do New Amsterdam, as suas lindas pernas faziam sensação.

A disciplina rígida, o trabalho exaustivo duma grande revista, fizeram esfriar bastante, os seus entusiasmos de atriz. E um belo dia deixou as suas colegas dos «chorus» de Ziegfeld.

Hatie Carnegie era ao tempo a mais elegante casa de modas de Park Avenue, e Lucille Ball era o seu primeiro modêlo.

Foi aí que Samuel Goldwyn, certo dia a foi buscar para os seus «Escândalos Romanos», em que Eddie Cantor foi um pitoresco condutor de quadriga.

Daí em diante a sua carreira de Hollywood estava lançada. A pequenos papéis em «Roberta», «Chapéu Alto», «Siga a Marinha», que ficou devendo à protecção de Fred Astaire, seguiu-se-lhe «A Porta das Estrêlas», «Essa Pequena de Paris», «Voltaram cinco» uma série de comédias que para a RKO interpretou com Gene Raymond.

Vimo-la também disputando com Ginger Rogers o amor de Douglas Fairbanks Jor. no filme «Viva o Amor», uma engraçada comédia que era ao mesmo tempo um magnífico documento sôbre a vida da mocidade americana.

E finalmente, o magnífico filme que a Radio Filmes nos vai apresentar brevemente, «Dança Rapariga, Dança» em que os seus dotes invulgares de bailarina são postos à prova.

Lucille Ball é uma conterrânea de Gary Cooper, pois como êle nasceu no estado de Montana. Foi num calmo dia 6 de Agosto de 1911 que o sucesso se deu. É alta, loira, de olhos azuis. Além disso era solteira. No entanto, dois homens giravam na sua órbita — o mexicano Dezi Arnaz, um novo galã, artista como ela da RKO, e o realizador Al Hall. Entre os dois o coração de Miss Ball baloiçava, indeciso e preocupado.

Até que, há dias, nos chegou a auspiciosa notícia do seu casamento com Dezi Arnaz. Parabens aos noivos! Pêsames a Al Hall...

JAIME DE CASTRO



LUCILLE BALL, da Rádio-Filmes

Conforme podem ler na biografia de Jaime de Castro que publicamos na página 18, Lucille Ball, depois de muito hesitar, casou. Casou — e é pena. E' pena — porque é linda... e não casou connosco!... Mas a beleza não bastaria para fazer de Lucille Ball a grande vedeta que hoje é, sem contestação possível. O seu talento iguala a sua beleza, embora só a tenhamos visto em papéis de pouca monta. Mas a Rádio-Filmes, companhia jovem, onde os jovens são acarinhados, trata de reparar a falta de reparo... Depois duma série brilhante com Gene Raymond, vamos vê-la sorrir, e dançar, e amar, em "Dança, Rapariga!", o novo "hit" da R. K. O., de que é protagonista Maureen O'Sullivan. O "tipo„ de Lucille Ball filia-se num género que actualmente não tem representantes e que celebrizou Constance Talmadge; a rapariga de moral impecável, mas de aspecto irrequieto, que gosta de dar à perna e de arreliar os rapazes. Mas nós sabemos que os cinéfilos têm exactamente preferência decidida por aquelas que mais os arreliam...

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ANCIEDADE...

igual à que António de Souza e Óscar de Lemos exteriorizam tão bem nesta fotografia compara-se à do Público que aguarda a estreia sensacional do novo filme português da Lisboa-Filme

«PORTO DE ABRIGO»

ESTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: DOROTHY LAMOUR e CLARK GABLE